

33-3

472

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.
MCMXXII

SUMÁRIO

N.ºs 33-34 — MAIO DE 1922

	Pag.
No encerramento da exposição de arte coimbrã em Lisboa — <i>D. José Pessanha</i>	129
Joaquim Machado de Castro — <i>Martinho de Fonseca</i>	136
Francisco Henriques, notavel pintor de D. Manoel, era português — <i>Luciano Freire</i>	141
Arte Rupestre em Portugal — A Pala Pinta — <i>Horácio de Mesquita</i>	145
Aditamento — <i>Vergílio Correia</i>	145
Os cães na formação dos proverbios portugueses — <i>Severo Portela</i>	148
Um trecho dos Paços manuelinos de Coimbra — <i>Vergílio Correia</i>	151
A Porcelana em Portugal (continuação) — <i>D. José Pessanha</i>	153
Las Tablas de San Vicente.....	152
Cronica (Livros).....	159

Só se publica a colaboração sollicitada «por nós».

A Terra Portuguesa só permuta com publicações da sua índole.

Todos os pedidos de fascículos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos á Livraria Fern, Lisboa.

Preço d'este numero: 2\$50

ABR 1957

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITERARIO:
VERGILIO CORREIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Estrela, 61

EDITOR E PROPRIETARIO:
D. SEBASTIÃO PESSANHA

MAIO DE 1922

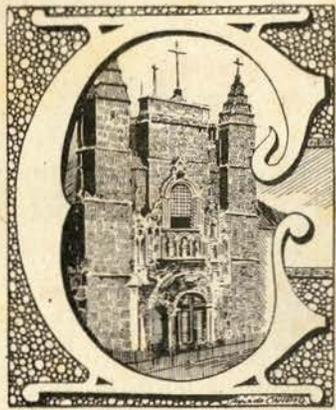
Comp. e imp. na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24
LISBOA

N.^{os} 33-34

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

(MARÇO-ABRIL DE 1921)

Minhas senhoras,
Meus senhores:



COIMBRA — escrevi um dia e repito-o hoje — é um dos *logares santos* de Portugal.

Não quero desenvolver agora este lindo thema, lembrando, uma a uma, as excellencias de Coimbra, — tantas vezes celebradas, em prosa e verso, pelos mais altos espiritos da nossa terra.

Neste momento, em que, pela ultima vez, nos é dado retemperar a alma ao calor da belleza emanada das obras que nos cercam e que são todas devidas a artistas de Coimbra, quero considerar apenas, muito summariamente e sem a pretensão de invocar factos ineditos, uma dessas primazias, um dèsses privilegios: — o de ter Coimbra sido sempre — mas sobretudo desde que o primeiro Alfonso a

escolheu para capital do reino — uma terra de intenso labor artistico.

Sob o poderio de Roma (de tempos anteriores, não ha, pelo menos no dominio da historia da arte, noticias averiguadas), Coimbra, designada então pelo nome de *Aminio*, era uma das mais importantes povoações do Extremo Occidente. Em obediencia ao seu criterio politico, os romanos levavam a sua civilização e, portanto, a sua arte a todas as regiões conquistadas. Decerto construíram, pois, no florescente *oppidum* de *Aminio* muitos

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

dos edificios typicos da sua architectura. A ponte, que o nosso primeiro monarcha reedificou, era, provavelmente, do periodo romano. O aqueducto construido no tempo de D. Sebastião pelo architecto Philippe Terzi foi acaso levantado sobre os alicerces de um aqueducto da epoca romana. E só em 1778 foi demolido um arco de triumpho, que existia junto á Estrella. A cidade de Æminio possuia tambem, sem duvida, um ou mais templos, umas *thermas*, um *theatro*...

No tempo das invasões barbaras, Coimbra decaiu, parece, da sua grandeza de outr'ora.

Os arabes, que a tinham em alto apreço, pela belleza da sua situação, pela amenidade do seu clima, pela fertilidade dos campos circumdantes e tambem pela sua importancia estrategica, não deixaram nella, da sua arte, que teve na Peninsula uma evolução tão interessante, um só monumento que chegasse até nós. Os edificios que construíram, entre elles a *alcaçova*, que, depois, foi paço dos nossos reis e, posteriormente, séde da Universidade, desapareceram, ou soffreram profunda transformação.

No periodo da Reconquista, mas especialmente depois da tomada definitiva da cidade por Fernando o *Magno* e sob o governo do conde ou alvazir Sisenando, — culto mosarabe educado em Sevilha, ao contacto da brilhante civilização do Califado, — levantaram-se em Coimbra, — fôco poderoso de mosarabismo, — numerosos edificios, entre os quaes algumas igrejas pre-romanicas, umas de typo latino, como a de S. Pedro de Lourosa, no concelho de Oliveira do Hospital, que, não obstante contar mais de mil annos, ainda hoje se mantem intacta em muitos dos seus elementos primitivos, outras, acaso, de typo byzantino, como a de S. Fructuoso, nas cercanías de Braga (essa, anterior á invasão muçulmana), de que chegou até nós um precioso fragmento, engastado numa igreja do seculo xviii. Uma dessas igrejas da Coimbra da Reconquista era a de S. Pedro — a que precedeu a actual, moderna e destituida de interesse. Outra, era a de Sant'Iago, edificada por Fernando o *Magno* em hõra do Apostolo das Hispanhas, a cuja intercessão attribuia a tomada da cidade. Essa igreja foi, nos fins do xii seculo, substituida pela que está sendo actualmente restaurada e que é de estylo romanico.

Mas, desde o tempo de Affonso Henriques até ao seculo xviii, podemos, fundando-nos, não em fontes litterarias, que tantas vezes nos illudem, que tantas vezes nos levam a falsas conclusões, mas nos proprios monumentos, na propria documentação plastica, reconstituir integralmente a historia artistica de Coimbra e verificar que a espirital cidade do Mondego tem sido, de facto, em todas as epocas, através dèsses seis seculos, uma terra notavel pela intensa actividade nella desenvolvida na esphera da Arte.

Quando Portugal se tornou independente, dominava na Peninsula a architectura que recebeu de Caumont a designação de *romanica* e que, derivada, em grande parte, da romana, se constituiu, sob a dupla influencia do Oriente e do espirito barbaro, no sul da França, — região profundamente romanizada e onde se conservára a tradição da abobada antiga. Dessa architectura, tão simples, tão clara, tão logica, e que tanta resistencia dava aos edificios, houve em Coimbra numerosas igrejas. E ainda hoje Coimbra possui o nosso mais completo, mais bello, mais nobre monumento romanico, — monumento que corresponde á phase mais brilhante do estylo e documenta profundo saber e larga experiencia: — a Sé Velha, notavel pela rythmica das suas linhas, pela admiravel solidez da sua estrutura, e, tambem, mercê da rara competencia de Antonio Augusto Gonçalves e da energica inter-

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÁ EM LISBOA

venção do Bispo-Conde, D. Manuel Correia de Bastos Pina, pela *unidade* e pureza que actualmente offerece.

Alem dêsse monumento primacial, Coimbra conta ainda mais duas igrejas romanicas: — a de S. Salvador, que deveria ser objecto de uma obra de purificação, de depuramento, semelhante á que foi levada a cabo na Sé, mas em cuja fachada só ha primitivo o portal, e a de Sant'Iago, derivação manifesta da cathedral e em que os elementos romanicos, agora isolados, são de tal modo escassos — áparte os dois grandiosos porticos, occidental e meridional, — que tem o caracter de verdadeira *reconstrucção* a obra que nella se está lentamente realizando.

Da alta cultura do tempo de D. Dinís, o rei trovador, não faltam documentos em Coimbra.

Arte exercida por artistas seculares e estreitamente ligada com a expansão do municipalismo, a arte gothica ou ogival resolvêra definitivamente, ainda na segunda metade do seculo XII, o problema da abobada, isto é, conseguira assegurar a estabilidade dessa cobertura sem o sacrificio de luz e espaço que as soluções das escolas romanicas, em geral, impunham. E, no seculo XIII, estava integralmente constituido esse admiravel systema, esse perfectissimo organismo, que é a estructura ogival, de tão rigorosa, tão scientifica precisão.

Os mestres franceses de D. Dinís conheciam, decerto, o novo estylo; e não será ousado affirmar que á sua influencia se deve esse edificio, já quasi ogival, esse edificio que documenta, caracterizadamente, uma transição ao de leve esboçada em Sant'Iago, esse edificio tão ultrajado, tão vilipendiado, mais, ainda, dos homens, que da natureza e do tempo, que é a igreja, ha muito profanada, do primitivo convento de Santa Clara.

A' transição romano-ogival pertence tambem o claustro da Sé Velha, ha pouco liberto das varias edificações, destinadas á Imprensa da Universidade, que, desde o seculo XVIII, pesavam sobre os seus lanços, desfigurando-o completamente.

Do tempo de D. Dinís, e tambem documento dessa transição, devem considerar-se os elementos que constituem dois dos lanços do claustro de Cellas e que, tendo pertencido á alcaçova, ao paço real, foram offerecidos por D. João III ás freiras dêsse velho convento dos arredores de Coimbra. Os capiteis das columnas gemminadas, capiteis de fôrma cubica, ornamentados de numerosas figuras, que representam, com a mais enternecedora ingenuidade, passos da vida de Christo, da Virgem e de alguns santos, são notabilissimos, unicos no país e talvez na Peninsula. Distanciadas já, consideravelmente, do hieratismo romanico, ha, nessas figuras, observação, vigor, expressão.

O Museu de Machado de Castro possui tambem, dêsse periodo, soberbos exemplares de estatuaria em pedra, cujos caracteres facilmente se reconhecem naquella preciosa estatueta de prata, que representa a Virgem com o Menino, e que, tendo pertencido á rainha Santa Isabel e, depois, ao convento de Santa Clara, fundação sua, se encontra, actualmente, no museu annexo á Sé Nova.

A influencia de D. Dinís, o forte impulso que elle deu á cultura litteraria e artistica, fez-se sentir por largo tempo.

Nos fins do seculo XIV, um artista ignorado arrancava á madeira aquelle impressionante Christo, magro e lacerado, que mal se divisa na mystica penumbra da capella do Sacramento, na igreja de Santa Cruz.

No seculo immediato, no reinado de D. Affonso V, estava em plena laboração, em

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

Coimbra, a officina do imaginario Diogo Pires, o *Velho*, auctor de uma imagem de Christo, da igreja matriz de Vouzella, — esculptura que desapareceu, — e de uma imagem da Virgem, executada, por encommenda do rei, para o convento da Conceição de Leça da Palmeira e que existe hoje na igreja parochial dessa pittoresca localidade.

Do estylo ogival, em toda a sua plenitude, nenhum edificio completo possui Coimbra. Apenas trechos, episodios: — uma portada joanina, em uma capella lateral da igreja de Sant'Iago; um delicadissimo coroamento, já do comêço do seculo xvi, na parede do transepto da Sé Velha, etc.

Por esse tempo, a arte ogival na sua ultima phase penetrou no país, trazida por artistas do Norte, que se dedicavam á esculptura em madeira. E' então que, por iniciativa do generoso bispo D. Jorge de Almeida, dois artistas neerlandeses — Olivier de Gand e Jean d'Ypres — realizam esse maravilhoso retabulo do altar-mór da Sé, cuja procedencia septentrional, confirmada documentalmente, se evidencia bem no character realistico da estatuaria e no vegetalismo da ornamentação, toda em apertadas ondulações, como é proprio do gothico *flammejante*.

Mas, na Peninsula, esta derradeira modalidade do estylo ogival não se implantou: naturalizou-se. Foi traduzida por um mixto singular de elementos gothicos, elementos mouriscos, elementos do Renascimento e elementos naturalisticos, designado em Hispanha por — *estylo isabelino* e entre nós por — *estylo manuelino*. Arte de transição, sem unidade, sem pureza; arte indisciplinada, tumultuaria, propria á expansão do individualismo; arte sem um canon que subordinasse a imaginação dos artistas, excitada pelas circumstancias muito especiaes do meio social — o manuelino é, todavia, nos seus variados aspectos, uma arte poderosamente evocativa e que, apesar da larga interterencia que nella tiveram artistas estrangeiros, como o francês Boytac e o biscainho João de Castilho, reflecte com absoluta nitidez o estado da alma nacional, perturbada pelos *fumos do Oriente*, nesse periodo singular, de alvorôço, de sobreexcitação febril e de falsa e ephemera grandeza, que precedeu de pouco mais de meio seculo a dominação castelhana.

A arte manuelina tem larga e characteristic representação em Coimbra.

Logo nos primeiros annos do seculo xvi, os irmãos Alvares (João e Pedro), cuja officina era, provavelmente, em Coimbra, lavram e assignam uma characteristic janella gemminada, que ainda hoje põe uma nota captivamente pittoresca numa velha casa de Tentugal; — os irmãos Henriques cinzelam, por encommenda de D. Jorge de Almeida, a pia baptismal que se vê na Sé Velha; — Diogo Pires, o *Moço*, — filho daquelle outro Diogo Pires a quem, ha pouco, me referi — transforma a pedra em verdadeiras obras-primas de elegancia e de graça, como esse esvelto cruzeiro de Leça do Bailio, que deve ser obra sua, a julgar pela analogia de estylo e de technica que offerece com o tumulo de Fr. João Coelho, que, assignado por elle, se encontra na igreja romano-ogival dos cavalleiros de Malta, devendo ainda pertencer-lhe a pia baptismal dêsse templo e o padrao commemorativo da reedificação da ponte de Coimbra, em 1515, assignado apenas com o nome *Diogo*.

As largas obras comprehendidas por D. Manuel em Santa Cruz — fundação generosamente auxiliada pelo nosso primeiro rei — contribuíram muito para intensificar a actividade artistica em Coimbra, sommando-se áquellas que D. Jorge de Almeida ia realizando na velha e austera cathedral, — tão accentuadamente medieva, — que elle procurava rejuvenes-

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

cer, e, ainda, aquellas que, lá no alto da escarpa, iam transformando, sob a direcção de Marcos Pires e, depois, de Diogo de Castilho, a antiga alcaçova.

Eu não conheço documento mais expressivo da liberdade e da indisciplina artistica dêsse tempo, do que as obras de Santa Cruz: — obras sem plano, sem direcção, sem unidade e que as successivas correcções ameaçavam prolongar indefinidamente; — obras em que, ao lado de artistas franceses — architectos e esculptores — como João de Ruão, Nicolau Chanterene (1), Jacques Longuin, Philippe Edouard, representantes da delicada arte da Renascença francesa, trabalhavam, autonomos e sem transigencias, Marcos Pires e os seus cincoenta officiaes, representantes legitimos do manuelino, e que, no famoso *claustro do silencio*, nos deixaram uma obra admiravel, em que a estructura, simples e resistente, e a ornamentação, largamente tratada, se conjugam para nos darem uma viva impressão de força e de grandeza; — obras em que a estatuaria se não integra na composição architectonica, porque representam correntes artisticas distinctas e, até, oppostas; — obras em que a propria estatuaria offerece (por vezes na mesma peça) feições diversas, reflexo da diversidade de origem, de temperamento e de escola dos artistas seus auctores.

Mas, apesar dessa ausencia de unidade, o mosteiro de Santa Cruz, onde tanto ha, ainda hoje, que admirar, constituia decerto, no seulo XVI, um raro, portentoso conjuncto de magnificencia e de arte.

Era o *portal da magestade*, com a phantasiosa riqueza da sua ornamentação architectonica e a graça e delicadeza das suas estatuas, umas de Mestre Nicolau, outras de Diogo de Castilho; — era o pulpito, obra, quasi com certeza, de João de Ruão, incompleta, decerto, porque lhe faltam as pilastras lateraes e a cupula historiada, mas, sem embargo da falta dêsse complemento, incomparavel joia de calcareo, para a qual um crítico francês, Bertaux, nem mesmo no seu país encontrava rival; — eram os tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I, em que a espontaneidade, o vigor, a pujança da arte manuelina se affirmam triumphantemente, na ousadia do delineamento e na prodigalidade da ornamentação; — era o cadeiral do côro, trabalho de um artista que, não obstante ser estrangeiro (viera de Sevilha), soube interpretar com rara fidelidade o sentimento nacional, levantando na madeira as estrophes da nossa epopeia de mareantes e descobridores; — eram os pesados livros coraes, com as suas letras capitulares illuminadas e as suas grossas capas guarnecidas de ferragens cinzeladas, livros que descansavam numa estante de ferro, a que alludem documentos do tempo, obra de Antonio Fernandes; — era o grande retabulo do altar-mór, em que, com o artista sevilhano, auctor do cadeiral, collaborou o pintor português Christovam de Figueiredo; — era o orgão, trabalho de um francês, Lorete, peça de grande riqueza decorativa, «lavrada de romano», como diz um documento, isto é, no estylo da Renascença; — eram as sumptuosas grades do cruzeiro e dos tumulos, obra tambem de Antonio Fernandes e que rivalizavam, porventura, com aquellas que ainda hoje opulentam as cathedraes hispanhólas; — eram os baixos-relevos do *claustro do silencio*; — era o apparatuso passo da ceia de Christo, com treze imagens de *grandura natural*, que os conegos mandaram executar em barro pelo esculptor francês Philippe Edouard, composição notabilissima, de cujo valor

(1) Assim leu, pela primeira vez no 2.^o volume dos *Documentos*, o conego Prudencio Quintino Garcia, o nome que fôra sempre lido *Chartranez*.

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

podemos fazer ideia pelas figuras mutiladas que se guardam no Museu de Machado de Castro; — eram, até, para que nada faltasse, as primorosas impressões da officina typographica do mosteiro, dirigida pelo francês Germain Galharde.

Mas a actividade da brilhante pleiade de artistas francezes, que D. Manuel attrahira a Coimbra, não se exerceu unicamente em Santa Cruz, nem sequer unicamente na cidade.

Em Coimbra, esses artistas multiplicam os retabulos, os tumulos, os portaes. . .

Recordemos, na Sé Velha, não só a elegantissima portada lateral, — a *porta especiosa*, infelizmente em adeantada ruina, — que occulta uma porta e uma janella romanicas, simillhantes ás da fachada principal, como o retabulo de S. Pedro, no absidiolo do lado do Evangelho, retabulo delicioso, de uma admiravel pericia de execução, e em que a esculptura, sobretudo nas figuras de vulto, apresenta já uma feição nacional.

Mas o seculo xvi avança. O sol deslumbrante do Renascimento illumina em cheio Coimbra, para onde D. João III transfere, mais uma vez, a Universidade e onde os collegios ecclesiasticos se multiplicam. Torna-se então Coimbra um incomparavel, fulgentissimo centro intellectual. Em Theologia, em Canones, em Leis, em Medicina, nas artes e humanidades, *liam* os mais afamados mestres, portuguezes e estrangeiros. O humanismo, sobretudo, era intensamente cultivado. Nicolau Clenardo, celebre humanista flamengo que D. João III chamou a Portugal para ensinar seu irmão, o infante D. Henrique, ficou assombrado, quando, no mosteiro de Santa Cruz, ouviu Mestre Vicente Fabricio commentar Homero em grego, «como se estivesse em Athenas», o que, até então, nunca presenceára.

Na arte, a escola franceza, cuja influencia se vai alargando mais e mais, nacionaliza-se, até certo ponto, dando-nos então a capella do Sacramento na Sé Velha, transformação do absidiolo romanico do lado da Epistola, que se converte num recinto circular do mais puro estylo do Renascimento, com suas pilastras, suas columnas, seu *duomo* a fechá-lo. As dezesete estatuas, que povoam e animam esse recinto, têm uma vida intensa. São figuras cuja intellectualidade impressiona. O artista logrou dar alma á pedra.

Por outra parte, a influencia do classicismo italiano triumphou.

Desta segunda Renascença, da Renascença propriamente classica, que teve em Roma como representante maximo, na architectura, Bramante e, entre nós, Filippe Terzi, possuiu tambem Coimbra admiraveis exemplares: — o claustro do antigo Collegio da Sapiencia, dos Conegos Regrantes de Santa Cruz — hoje Collegio dos Orphãos — claustro de ordem dorica, sobrio na decoração, mas de uma notavel harmonia e elegancia de proporções, e que nos dá uma nítida impressão de estabilidade e de equilibrio; — a igreja do Collegio de S. Bento, notavel especimen do comêço do seculo xvii; — o vastissimo templo, incompleto, de S. Domingos; e, dessa modalidade especial, inconfundivel, do Renascimento classico, designada, geralmente, por *estylo jesuitico*, a igreja da Companhia de Jesus, hoje Sé Nova, igreja que, apesar de severa e fria, não é destituida de grandeza.

Do seculo xvi, encerra ainda Coimbra algumas residencias senhoriaes, tanto mais para apreciar, quanto são raras entre nós. Lembrarei a casa de Sub-Ripas, logo do comêço do seculo, e o paço episcopal, de cuja elegantissima galeria aerea se avistam, numa grande extensão, os *saudosos campos do Mondego*.

No decorrer do seculo xvii, logo depois da Restauração, ergue-se em Coimbra um edificio caracteristico, — pesado, rigido, quasi brutal: — o convento novo de Santa Clara, na margem esquerda do Mondego, no cume do Monte da Esperança, edificio cuja peça mais

NO ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ EM LISBOA

notavel é o claustro, que, na phrase justa de um critico, tem o que-quer-que-seja de *pha-raonico*.

Finalmente, o italianismo pomposo do seculo XVIII, derivado da Renascença michelangelesca, dá-nos, em Coimbra, a faustosa bibliotheca da Universidade, do tempo de D. João V, e a igreja do Seminario.

Tenho, talvez — tenho, decerto, — fatigado V. Ex.^{as}, com esta longa e sêcca ennumeração de factos.

Mas eu carecia della para mostrar que as obras que temos deante de nós se filiam numa tradição — numa brilhantissima tradição de seis ou sete seculos. E' assim que se explica a surprehendente vitalidade da Renascença que, na arte da pedra, na arte da madeira e na arte do ferro, se tem, nos ultimos annos, operado em Coimbra e que ellas tão claramente documentam. Na arte, como em tudo, a tradição tem uma importancia fundamental. E' indispensavel e é insubstituivel.

Perguntar-me-hão agora V. Ex.^{as} quaes são os laços que prendem ao passado este Renascimento dos nossos dias, quaes são os seus antecedentes directos e immediatos.

E' a «Associação dos Artistas de Coimbra»; são as exposições districtaes de 1869 e 1884; é a «Escola livre das Artes do Desenho»; são as aulas e officinas da Escola Industrial, e é, sobretudo, a acção admiravel de Antonio Augusto Gonçalves, ensinando e trabalhando, — ensinando sempre, afinal.

Essa benemerita acção foi já aqui eloquentemente posta em evidencia por Affonso Lopes Vieira. Limito-me, pois, a saudar commovidamente o grande Mestre, saudando tambem os promotores desta exposição e os artistas que, na hora incerta e angustiosa que passa, vieram dar-nos o doce prazer espirital de admirar as suas obras.

Duas epochas houve em que, de Coimbra, irradiou para todo o país o influxo de uma poderosa actividade na arte: — a epocha de D. Dinís e Santa Izabel e a epocha de D. Manuel.

Oxalá que o facto se repita agora, ou, pelo menos, que o alto exemplo nobremente dado pelos artistas de Coimbra, trabalhando hoje, neste seculo de industrialismo, como se trabalhava nos periodos aureos da Arte, fructifique!

Se assim fôr, mais uma vez se verificará que a cidade de Coimbra é, de facto, como dizia Frei Heitor Pinto, *a alma de Portugal*...

4-IV-1921

D. JOSÉ PESSANHA.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO



REFERE Volkmar Machado nas suas Memorias (1) que a vida d'este famoso estatuario, só elle mesmo a poderia escrever exacta, e dignamente, e Francisco de Assis Rodrigues acrescenta que Volkmar exprime uma verdade que jamais pode ser desmentida.

Realmente, a biographia d'este eminente escultor só elle a poderia ter escripto, tão longa e accidentada foi a sua vida e tão grande a sua obra, se não fossem os valiosos documentos que, felizmente, nos deixou esculpidos no marmore e no bronze, sem falar no barro, espalhados pelo paiz a perpetuar a sua memoria, desde a mais simples figurinha de presepe até á monumental estatua equestre de D. José I, collocada na Praça do Commercio de Lisboa, a mais bella praça do mundo, onde nacionaes e estrangeiros admiram o primoroso trabalho do maior escultor portuguez.

A par d'estes documentos, outros, porém, ainda existem, que, pela sua importancia, convém archivar; e, embora pareça, á primeira vista, que não teem analogia, todavia, completam-se, e, sem elles, seria então difficil encontrar quem podesse traçar o perfil de tão illustre portuguez. Referimo-nos aos seus manuscriptos, dispersos pelas mãos de particulares, tão importantes pelas noticias que nos revelam, que o proprio Assis Rodrigues, apesar de ter sido seu discipulo, d'elles se aproveitou para o seu trabalho (2).

Alguns d'esses manuscriptos são os que se publicam agora, destacando-se um que julgamos valioso por conter a relação de uma parte importante da obra artistica do grande mestre, e ser, ao mesmo tempo, uma sentida manifestação de tristeza, ungida de suave mysticismo, um grito de dôr, digno e altivo, proprio de um caracter nobre, de uma alma atribulada pelas intrigas e aleivosias com que seus emulos lhe amarguraram a existencia, uma existencia de trabalho, uma vida que é uma gloria nacional.

Os manuscriptos a que acabamos de nos referir vão transcriptos a seguir, começando pelo mais interessante, por ser um valioso documento para a historia da arte portugueza e para a vida do illustre escultor.

III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor (3).

Primeiramente (com o respeito devido), e humildade que me hé possível, rogo a V. Ex.^a se digne de munir-se de paciencia, e indulgencia p.^a attender parte do muito que tenho, e devo expor-lhe.

Nosso Senhor Jesus Christo, que em sy mesmo tinha Fortaleza Divina, soffreo com m.^{to} gosto,

(1) «Collecção de memorias, relativas ás vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes, etc.». Lisboa, Imp. de Victorino da Silva, 1823, 4.^o pag. 265 e seg.

(2) «Revista Universal Lisbonense», n.^o 9 de 17 de Novembro de 1842, pag. 99 e seg.
«Diario do Governo», n.^o 278 de 24 de Novembro de 1842.

(3) Não nos foi possível averiguar o nome da pessoa a quem esta carta foi dirigida.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

improperios, calumnias, e falsos Testemunhos! Mas para quê? (seja-me licito perguntar neste, e outros casos); Para resgatar no Mundo todo, todos os Racionaes Individuos, preteritos, presentes, e focturos: porque foi Deos, e Homem juntamente. Mas um miseravel boneco de Barro, como poderá supportar concussoens, que o impellem a cahir por terra muitas vezes?

Sei que eu, e meus Ajudantes, somos accusados de delongas nos trabalhos desta Casa! Sem negar esta asserção, perguntára eu: Aonde se fez a Estatua Equestre, com todos os Ornatos Esculturescos de seu Pedestal? A de Luiz XV, em Paris, sendo 5 palmos menor que a nossa, só com os modelos que para ella fez *Mr. Bouchardon*, acompanhado com 2, ou 3 Ajudantes, empregou nestes modelos 8 annos; como posso provar com Documentos publicos daquella Capital: ao mesmo tempo que a Equestre de Lisboa, principiou-se, e completou-se dentro em quatro annos, e meio!! Que milagre d'arte não hé este? Pois não foi obrado por nenhum Thaumaturgo; mas sim' pelo infeliz Machado!!! E que fructo colheu elle da celleridade, e perfeição, q. daquella Obra se tem declarado, e lamentado nas Imprensas de Londres, e de Paris?

Quem fez toda a Escultura externa, e interna do Convento do S.^{mo} Coração de Jesus, em marmore, madeira, e barro; se não este mesmo desgraçado, com seus Ajudantes accusados? Quem fez o grande Presepio do mesmo Real convento, se não estes calumniados? Quem fez, cuidou q. seis Estatuas em marmore, que estão guardadas em huma Casa das Quintas de Belem, se não estes calumniados? Quem fez duas Estatuas em marmore de Montes-Claros, que estão na Casa de jantar da Quinta, de Oeiras (1) e parece-me que dois Leoens, e quatro Bustos dos principaes Epicos — *Homero, Virgilio, Camoens e Tasso*, de que no Real Erario hade haver Documento de ter o Dono desta Obra, pago a sua despeza, senão os accusados desta Casa? Aquem o mal fundado rancôr estranho (ou a emulação) *tem transformado* as formigas em elefantes!!? Quem fez toda a Escultura dos Tumulos da Snr.^a D. Maria Anna de Austria, no Real Hospicio de S. João Nepomuceno: da Snr.^a D. Marianna Victoria em S. Francisco de Paula: do Snr. D. Affonso IV (em bronze) na Capella Mor da Sé de Lisboa: do Snr. Infante D. Pedro Carlos, que foi p.^a ao Brazil; senão estes infelices? Que em lugar de recompensas tem supportado improperios e Calumnias? Quem fez a g.^{de} quantidade de Estatuas em barro, e do tamanho do natural Corpolento, que estão na Quinta de Caxias, e hums Vasos de igual materia, ornados de festoens de flores, p.^a a Quinta de Queluz: e algumas figuras p.^a a mesma Quinta de Caxias e q. ainda se achão nesta Casa, por ignorar a q.^m pretensa o tirallas daqui; senão os infelices Accusados desta desgraçada Repartição? Quem fez em marmore de Carrára a Estatua Pedestre da Rainha, Snr.^a D. Maria I, que está na Bibliotheca Publica, senão este infeliz Accusado, com seus esfomeados Ajudantes?

Se esta lista de Obras apparecer nas Academias de Roma, e Paris hão de reputalla hyperbolica, e falta de verdade: mas a sua veracidade he inegavel, porq. tudo isto existe ao Publico.

Isto não obstante, como este Infeliz possuhiu Sempre (por Don do Ceo) m.^{ta} actividade, e franqueza em operar, e reger, vendo q. algumas cousas não caminhavão com a celeridade com que D.^s o dotou, ou pouco menos; entrou a lamentar-se ás Pessoas que na Casa tinhão o Governo Superior; p.^a que a Sua Authoridade, impozesse ao Estabelecimento a energia precisa p.^a o justo complemento das incumbencias commettidas a ésta Aula e Laboratorio.

A's sollicitaçoes reheradas pelo Exponente, conveio com este, o Ex.^{mo} Snr. Marquez de Ponte de Lima, organisar-se hum Plano p.^a se regularem as applicaçoes deste Estabelecimento.

Entreí immediatamente nesta empreza para o q. até mandei vir de Coimbra huma Copia dos Estatutos da Universidade, p.^a extrahir della o que fosse adaptavel ao presente Objecto.

Fiz, com effeito o meu Plano; e elle Sahio tão desprezivel, que até o Lente de Medicina Pratica Redactor do Jornal daquella Cidade, vendo-o, mo pedio p.^a o lançar no dito Jornal; a que eu não tenho annuido até gora: mas em q. talvêz venha a convir, por meu proprio Credito, e da Nação.

Mas que resultado teria este meu grande trabalho? Oh q. desgraça!!! O resultado foi mandar o dito Excellentissimo o tal Plano p.^a o Erario Regio, a fim de que os seus Contadores o examinassem,

(1) Quero crer que todos estes trabalhos ainda existem, não o podendo, porém, afirmar de uma maneira categorica, por não ter recebido o documento comprovativo, que me foi prometido pelo actual representante da Casa Pombal, devido certamente a difficuldades que tenha encontrado na sua elaboração.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

e dessem o seu Parecer; como se p.^a ser Erairista se precisassem os mesmos estudos que são indispensaveis ao Pintor, Escultor, ou Architecto!!!

Se isto acontecesse entre Hottentotes não admirava: mas com hum Ministro de Estado em huma Nação Civilisada, e q. em Letras, e Armas tem produzido tantos homens distinctos, fas-me confirmar no fanatismo em que vivo, de que — Em Portugal influe Astro maligno destruidor das *Bellas Artes!!!*

Tenho-me alargado tanto p.^a deffender-me, e aos meus Ajudantes das mal fundadas calumnias, que nos imputão, devendo estas dirigir-se unicamente a q.^m não tem querido applicar remedio ao mal; tendo-lhe eu sollicitado a cura tanto, como deixo exposto.

Agora dou Parte a V. Ex.^a, como Principal Ministro da Repartição em que sirvo; e ao Snr. Visconde de Santarem, como Encarregado em Particular do complemento do Palacio Novo; de q. aqui se achão tres Estatuas promptas a sahir desta Casa: duas em marmore de Italia p.^a as Reaes Quintas de Belem: e huma em marmore de Perpinheiro, representando a *Gratidão*: que he uma das determinadas p.^a o Palacio Novo; cuja sahida fica ao Arbitrio de Vossas Excellencias. E entretanto fico rogando a D.^s (como todos os dias faço) que se digne de guardar a benigna Pessoa de V. Ex.^a m^s annos. Casa da Escultura das Obras Publicas, 3 de Fevereiro d' 1817.

Por falecimento do dito Ex.^{mo}, e passando o Governo do Erario, e Obras Publicas p.^a o Ex.^{mo} Snr. Luiz de Vasconcellos, a quem participei logo o referido: aquelle Fidalgo, tocado pela solidez das minhas razoes; Zelo da Fazenda Real, e da educação da mocidade, q. se me confiou; incumbiu o Dezembargador Pedro Duarte (morador então no Largo da Igreja de S. Thomé) p.^a que ouvindo-me, e conferenciando comigo, se remediasse a Lepra que ainda não estava incuravel de todo. Chamou o dito Ministro todos á sua Presença. Porem, como a Fazenda que ardia era Real, e não sua: a mocidade que se estragava, erão Filhos alheyos, e não seus; ficou tudo em agua morna: e eu deixei-me ficar na mesma, possuido pelo fanatismo, de q. acabo de accusar-me dando (com tudo) estas provas do meu Zelo, e fidelidade.

Este appendice, não foi nos papeis que se entregarão: porq. não lembrou senão depois de estarem acabados, e assignados.

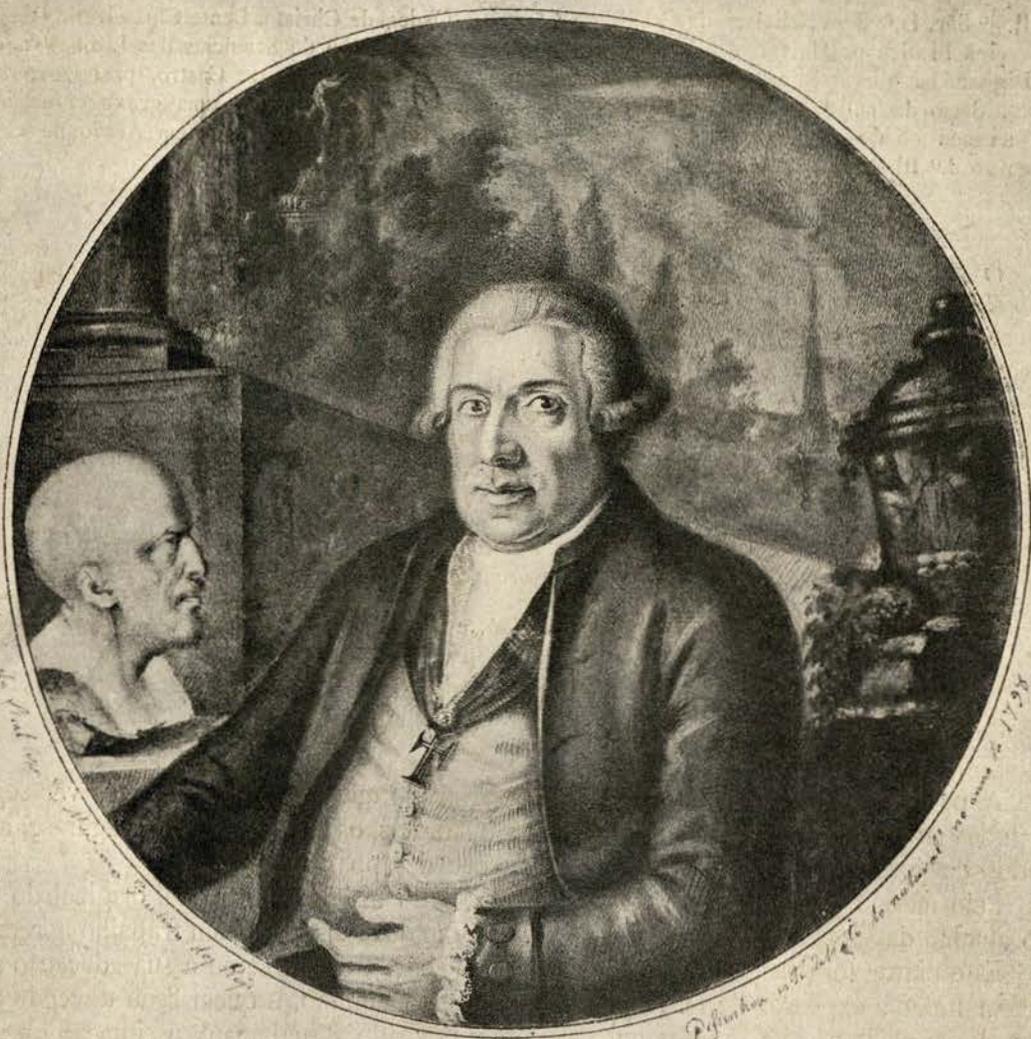
Deve-se advertir mais: que em quanto estive em Portugal a Rainha Augustissima Snr.^a D. Maria I.^a e sua Real Familia, todos os Nataes se tratava dos Prezepios de S. Mag.^{dc} e Altezas; accrescendo a este cuidado, o Presepio do Snr. Infante D. Pedro Carlos assim que S. Alteza veio de Hespanha: em cujos trabalhos se occupavão (ao menos) 3 homens actualmente: cujo estorvo p.^a se conhecer, não ha precisão de ser Lince! E a Calumnia sem deixar-nos!! Hé mais que notavel Cegueira!!! Não faltará q.^m diga, ser insignificante, e ridiculo, o trabalho de Prezepios: mas esses 3 homens q. actualmente existião ligados a bonecos, não se empregavão em outra cousa; porque o Individuo que se acha no ponto A, não existe ao mesmo tempo no ponto B. Attributo, de tão alta ponderação, que a Devindade o reservou unicamente a sy mesma. Deve aqui versar a questão, se este estorvo foi voluntario, ou determinado? Responde-se que foi ordenado por quem tinha em tudo o Commando universal do Reino e de que aqui ainda conservo antigos vestigios daquelle tempo.

Na Lista de nomenclatura das Obras aqui executadas; esqueceo a que passo a declarar agora— Quem fez a Estatua da Fé que se está vendo no Tympano do Frontespicio do Palacio da Inquisição (hoje do Governo;) a qual hé de doze palmos de altura; pizando a figura da Hirezia (cuja circumstancia faz serem duas figuras em hum só Gruppo). se não estes infelices Calumniados? E ainda no tinteiro deixo alguma cousa!! E não de pequena ponderação!!! Porem, que se não póde ver; por isso aqui a não declaro?!

Segunda assignatura. Casa da Escultura das Obras Publicas, 14 de Fevereiro de 1817.

Joaquim Machado de Castro

(Esta carta tem a seguinte nota á margem: «Copia que Machado fez entregar aos Senhores aqui declarados: cuja copia elle assina de seu punho p.^a prova de q. está conforme»).



Verdadeiro Retrato de Joaq^m Machado Escultor
 Insigne portuguez, autor da Estatua Equitativa
 q^{ta} esta no terraco do Paço
 de Lisboa?

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

(Desenho de Maximo Paulino dos Reis)

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO

Ao Ill.^{mo} Sñr. D.^{or} José Feliciano de Castilho, professo na Ordem de Christo, Lente Cathedratico de Medicina Pratica na Universid.^e de Coimbra, Socio da Real Acad.^a de Sciencias das Lisboa, &. &. &.

Dignandose de assistir benigna e generosam.^e a Joaq.^m Machado de Castro, professo na m.^{ma} ordem, Socio da m.^{ma} Real Acad.^a, e Escultor Morador da Casa Real em uma grave enfermidade. q. teve na sua idade propecta de 83 annos: o qual, em seu restabelecim.^{to} e em Acção de Graças, dedica ao d.^o Ill.^{mo} Sñr. o seg.^{te}

SONETO

*O devorador Tempo. e o Morbo hirsuto,
Contra Castilho audazes se conspirão,
Para que as suas luzes não confirão
A Machado o clarão grato e absoluto.*

*Mas o Elyseo Esculapio, sempre astuto,
As influencias pròvidas que inspirão
Dispoem de modo tal, que emfim profirão
Em Decreto feliz. firme estatuto.*

*Não pára aqui do sabio o heroico asylo;
Elle quer o cliente seu salva-lo,
E ao gráo de robustez maior subi-lo:*

*Quer na posse do bem total firma-lo,
Seu espirito á gloria conduzi-lo. (a)
E o material, em bronze transforma-lo.*

São vozes da Gratidão, e da verdade.

A publicação d'estes manuscriptos é um principio que muito desejaríamos ver seguido por todas as pessoas que possuam documentos historicos, os quaes devem divulgar-se, archivando-se por meio da imprensa, para evitar o seu desaparecimento.

Pelo mesmo principio publicamos um retrato do insigne estatuario, original do fallecido alumno da Casa Pia de Lisboa, Maximo Paulino dos Reis, que é um trabalho apreciavel.

Este pintor foi discipulo de José da Cunha Taborda e completou a sua educação artistica em Italia a expensas de D. Alexandre de Sousa Coutinho, a quem ficou devendo a posição a que chegou, como tantos outros ficaram devendo, igualmente, a situação que conseguiram alcançar ás pessoas abastadas, que os subsidiavam quando no estrangeiro, e lhes abriam as portas de seus palacios onde eram tratados como familia, adquirindo-lhes depois as obras, que pagavam a bom preço.

Finalmente, a esses benemeritos devemos uma pleiade de artistas que engrandeceram a arte portugueza, e as obras primas que hoje se admiram nos museus, nacionaes e estrangeiros, ou que se encontram guarnecendo as habitações de muitos particulares.

O retrato de Machado de Castro, que hoje illustra esta publicação, merece, por diversos motivos, ser divulgado.

MARTINHO DA FONSECA.

(a) He tal a amizade que devo a este generosissimo Amigo (desde q. nos conhecemos), q. se tem esmerado o mais possivel em propagar louvores dos meus taes quaes talentos.

FRANCISCO HENRIQUES, NOTAVEL PINTOR DE D. MANOEL, ERA PORTUGUÊS

INTERESSANDO-ME, naturalmente, por tudo que tenha relação com a obra, a que me dediquei, de salvar o que resta do nosso patrimonio artistico pictural, preciosidades que corriam grande risco de se perderem e que são titulos dos mais gloriosos da nossa civilização nos seculos xv e xvi, natural era que acompanhasse os trabalhos de investigação documental e tecnica, que teem preocupado tantas individualidades de destaque, e mormente os dos meus bons amigos o sr. Joaquim de Vasconcelos e o dr. José de Figueiredo, cujos serviços ainda não fôram, a meu vêr, suficientemente apreciados.

Assim, para amenizar a minha ardua e um tanto onerosa tarefa, vou analisando os trabalhos dêsses benemeritos, colhendo o respectivo fruto, e recapitulando o que de positivo resulta dos seus esforços, ao serviço da historia da arte.

É para mim já remota a preocupação de verificar a nacionalidade do notavel pintor Francisco Henriques; e isso, estimulado pelo que disseram o meu querido amigo e ilustre professor de historia da arte, o sr. D. José Pessanha, na revista «Arte Portuguesa», em 1895, e Sousa Viterbo, na obra «Pintores Portugueses», mal pensando este benemerito e eminente erudito que, justamente, os documentos que ele coligira, continham os elementos necessarios para desfazer a duvida, em que estava, ácerca da nacionalidade dêsse artista.

Coube-me a sorte de, ao lêr cuidadosamente esses documentos, os publicados no «Dicionario dos Architectos e Engenheiros» e, ainda, os copiados pelo Conego Prudencio Garcia, referentes a João de Ruão, notavel imaginario francês, que tão preciosas obras nos legou, encontrar elementos para, com segurança, definir a naturalidade e as afinidades de parentesco de Francisco Henriques com outros artistas de grande valôr e de variadas especialidades.

Eis o que vou expôr, conscio de que presto um serviço, embora de pouca monta, coordenando passagens de alguns dêsses documentos, que elucidam por completo o assunto, esperando que me será relevado o fazel-o de fôrma tão desataviada, mas julgando tambem que, pelo facto de ser pintor, não devo estar inibido de, neste campo, tratar a meu modo estes ou outros assuntos de identico character.

Do depoimento do notavel artista do seculo xvi, Christovão de Figueiredo, a proposito de uma justa pretensão do seu colega e amigo Garcia Fernandes, e de outros documentos que interessam a historia da architectura e da pintura, publicados por Sousa Viterbo, consta que a mulher dêsse notavel pintor e a do pintor, de identica nomeada, Garcia Fernandes, eram primas, «filhas de dois irmãos», verificando-se, mais, que a mulher dêste ultimo pintor era filha de Francisco Henriques e, ainda, que Christovão de Figueiredo fôra

FRANCISCO HENRIQUES, PINTOR PORTUGUÊS

casado com uma irmã de Isabel Pires (1), segunda mulher de João de Ruão e filha de Pere Anes, mestre de carpintaria em Coimbra; conclue-se que Francisco Henriques tivera um irmão, chamado Pere Anes, nome ainda mais caracterizadamente português do que o dele, pelo que nenhuma duvida pode subsistir ácerca da naturalidade de Francisco Henriques, «o melhor official de pintura que naquelle tempo avia».

A circumstancia de, num contrato para a execução de um quadro representando S. Francisco, haver a clausula expressa de dever «ser feito como o pintam na sua terra», e «rico», deu aso a justificadas duvidas sobre se se aludia á patria do santo, ou á do artista a quem era encomendado o quadro. Verificado está, porem, agora, pelo que atrás fica dito, que essa restrição significava apenas o desejo de que ao santo fôsse mantido o tipo iconografico consagrado no seu país natal, visto divergirem os artistas das diversas nacionalidades catolicas na maneira de o representar, facto este assás conhecido e contingencia a que foram sujeitos tantos outros bemaventurados.

Num triptico flamengo existente no Museu de Arte Antiga, estão representados, nas portas, Santo Antonio e S. Francisco, de maneira diferente da tradicional entre nós, sendo, sob o citado ponto de vista, um caracteristico exemplar. Não tendo evidentemente agrado tal interpretação, foram essas figuras, em epoca remota, *aportuguesadas* por um pintor, que, diga-se de passagem, tinha bem pouco merito; modificação que consistio no rejuvenescimento do primeiro dêsses santos e em ser dada ao outro apparencia mais provecta, sendo trocada tambem a côr dos habitos, do tom cinzento para o castanho, caracteristico do burel dos nossos antigos frades mendicantes.

Este triptico foi reintegrado no seu aspecto primitivo; existe, porem, documento fotografico que certifica o que afirmamos.

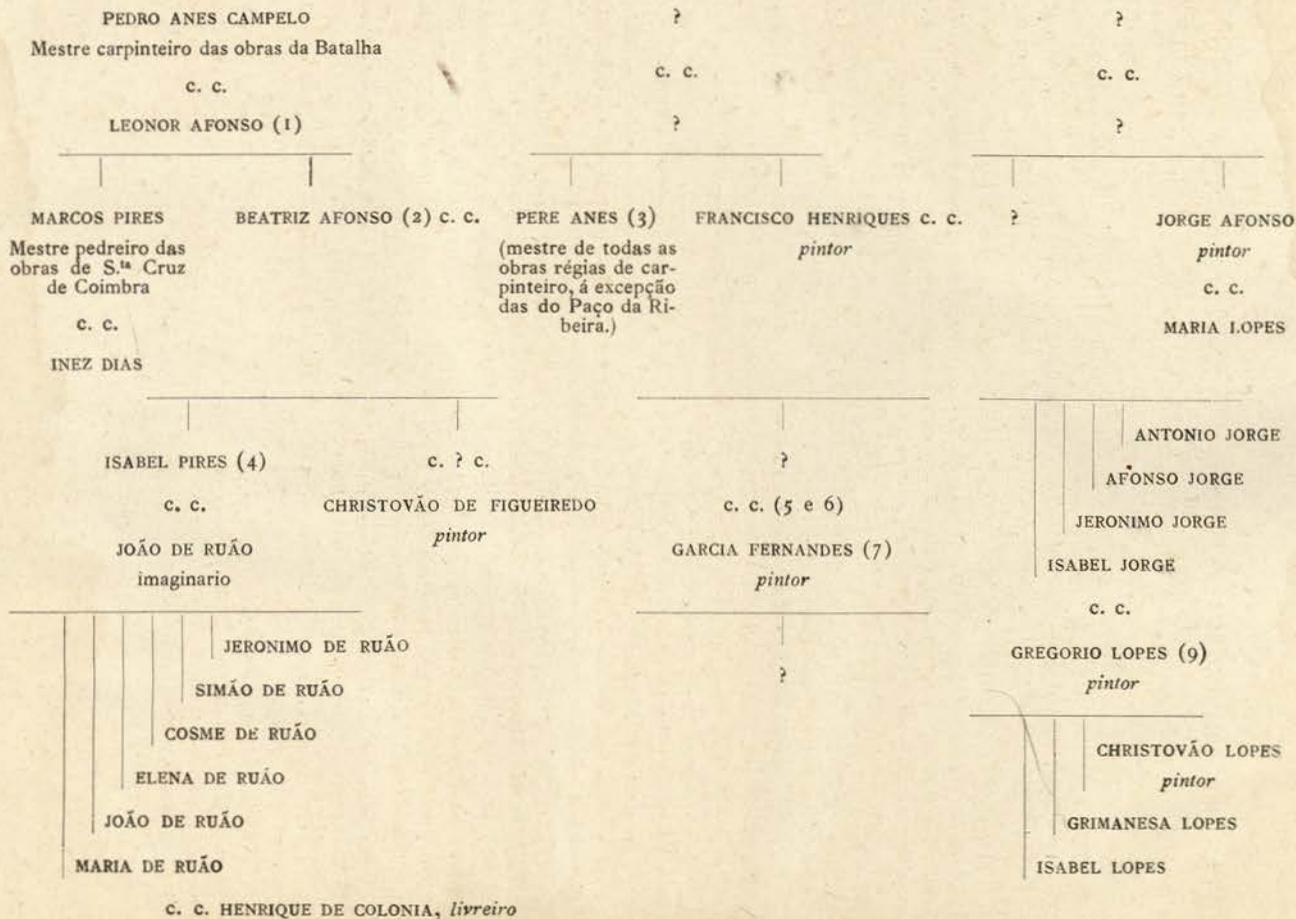
Identificada a nacionalidade do pintor Francisco Henriques, resta agora encontrar-se, provadamente ou por dedução logica, o que possa restar das suas obras. O dr. José de Figueiredo não perde de vista o caso; e eu, em restricto campo, vou prescrutando o que se me depára, enquanto os pioneiros interessados por esta especie de assuntos continuam a obra de Sousa Viterbo, que tão util nos tem sido, mas da qual ainda não foi tirado, a meu vêr, todo o proveito.

Eis as conclusões a que cheguei a respeito de Francisco Henriques e das suas afinidades de parentesco com artistas notaveis seus contemporaneos, o que se exemplifica, tambem, no seguinte mapa, convenientemente anotado, que elaborei e que tomo a liberdade de oferecer á ex.^{ma} redacção da «Terra Portuguesa».

LUCIANO FREIRE.

(1) A primeira mulher era francesa, segundo se depreende de uma passagem do «Santuário Mariano».

Afinidades de parentesco entre os seis mais notaveis pintores do seculo xvi



[143]

FRANCISCO HENRIQUES, PINTOR PORTUGUÊS

NOTAS DOS PRINCIPAES ELEMENTOS QUE CONTRIBUIRAM
PARA A ELABORAÇÃO DO MAPA PRECEDENTE

(1) «Lianor afonso dona veuva e mulher que foy de Pedro Annes Campelo..... fiou a Marcos Pires pedreiro seu filho. «Diccionario dos Architectos e Engenheiros» por Sousa Viterbo, pag. 312, 1.º vol.

O falecido erudito, Dr. Joaquim Teixeira de Carvalho, no prefacio dos livros «João de Ruão» pelo Conego Prudencio Garcia e «Um tumulo da Renascença», pelo ilustre archeologo Dr. Vergilio Correia, faz algumas confusões ácerca de parentescos entre determinados artistas do seculo XVI, sendo uma delas o julgar Pedro Anes Campelo e Pere Anes uma e a mesma pessoa. Verifica-se, no entanto, pelos documentos encontrados no cartorio de Santa Cruz pelo Dr. Reynaldo dos Santos, investigador que em breve dará a publico uma notavel monografia em que trata de sogro e genro, sendo o primeiro mestre de carpintaria nas obras da Batalha e o segundo de todas as obras regias dessa especialidade, á excepção das dos Paços da Ribeira.

(2) Chamava-se Beatriz Afonso, a viuva de Pere Anes, como se prova pela ordem de pagamento, que lhe foi passada, da tença que ele gosava. Idem, pag. 509, vol. 1.º

(3) «Pere Anes genro da dita Lianor Afonso». Idem, pag. 317, 1.º vol.

Do documento constante do tomo 5.º das *Notas*, livro 10, fol. 64, v.º, do arquivo dos conventos suprimidos no distrito de Coimbra, consta tambem que Pere Anes era sogro de João Ruão.

(4) Isabel Pires, mulher de João de Ruão, era irmã da mulher de Christovão de Figueiredo, visto este ser genro de Pere Anes.—«b] rs (6.000) em Sintra a P.º Anos, carpinteiro da sua tença deste ano... Per xpão de Figueiredo seu genro». Idem, pag. 36, 1.º vol.

(5) «Que a mulher do supricante (Garcia Fernandes) e a dele testemunha (Christovão de Figueiredo) são primas, filhas de dous irmãos». «Pintores Portugueses» por Sousa Viterbo, 1.º vol. pag. 63.

(6) «... a mulher do supricante (Garcia Fernandes) he sua sobrinha dele testemunha (Jorge Afonso) filha de uma sua irmã. Idem, pag. 63.

(7) Propondo-se Garcia Fernandes casar «com uma filha de Francisco Henriques.... ele aceitou o dito casamento». Idem, pag. 60.

(8) «... Jorge Afonso por não haver mister ho dito chão nē tē necessidade dele ele ē seu nome e de Maria Lopes, sua mulher, cuja outorga ficou de dar». Idem, vol. 1.º pag. 65.

(9) ... «com as casas do dito Mosteiro, q̄ ora sã de Gregorio Lopes, genro do dito Jorge Afonso». Id., id., id.

(10) No reinado de D. João III, floresceu um pintor de merito, chamado Manoel Campello, que, dada a singularidade do seu apelido, deveria ser descendente de Pedro Anes Campelo e ter, até, afinidades de parentesco com o pintor Cristovão de Figueiredo, visto que esse artista casou com uma neta dêsse mestre das obras da Batalha.

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL

A PALA PINTA



AS províncias portuguesas que maior número de testemunhos de civilizações passadas teem dado para os museus arqueológicos, Trás-os-Montes figura em primeiro plano. Como exemplares de arte rupestre, além do Cachão do Rapa, também em Trás-os-Montes, trago hoje ao conhecimento dos arqueólogos, o da Pala Pinta. Esta Pala (abrigo de coelhos) é quasi do conhecimento exclusivo dos caçadores; tem de comprimento na abertura 12 metros, de altura á entrada 2^m,32 e de fundo 5 metros. Fica na encosta dum vale apertado e fundo, onde, em tempo de inverno rija, o ribeiro da Rebôsa, impetuoso e cachoante, rebôa em quedas fragorosas. A Pala, que é uma espessa lapa de granito á flôr da terra, fica voltada para o poente, tendo em face o elevado monte cónico da Senhora da Cunha. Ali, a paisagem, conquanto bravía, é altaneira, e o homem, contemplando-a, não pode pensar em nada que o amesquinhe: — ninguém porá em dúvida que a natureza trasmontana é própria para criar heróis.

A Pala Pinta fica no termo de Carlão, situado na região cistudana e fazendo parte da antiga terra de Panóias. Além da Pala Pinta, há outras curiosidades antigas, como sejam os *tumuli* da serra de Carlão e um *menir* sito na mesma serra, a que o povo chamava a *pedra encantada* e que hoje está transformado num cruzeiro (*pendão*) da povoação de Presandães. Há também vestígios dum *castro* romano junto ao cemitério de Carlão. Da mesma freguesia fazem parte umas termas cuja individualidade medicamentosa é superior a muitas outras.

Quanto á interpretação das pictografias da Pala Pinta, não avento nenhuma hipótese, limitando-me apênas a entrega-la ao estudo daquêles que são especialistas em assuntos desta natureza. ¿Será um acto de magia, será a documentação da passagem de algum cometa, ou relacionar-se-há, como tantos outros, com alguma cerimonia fúnebre?

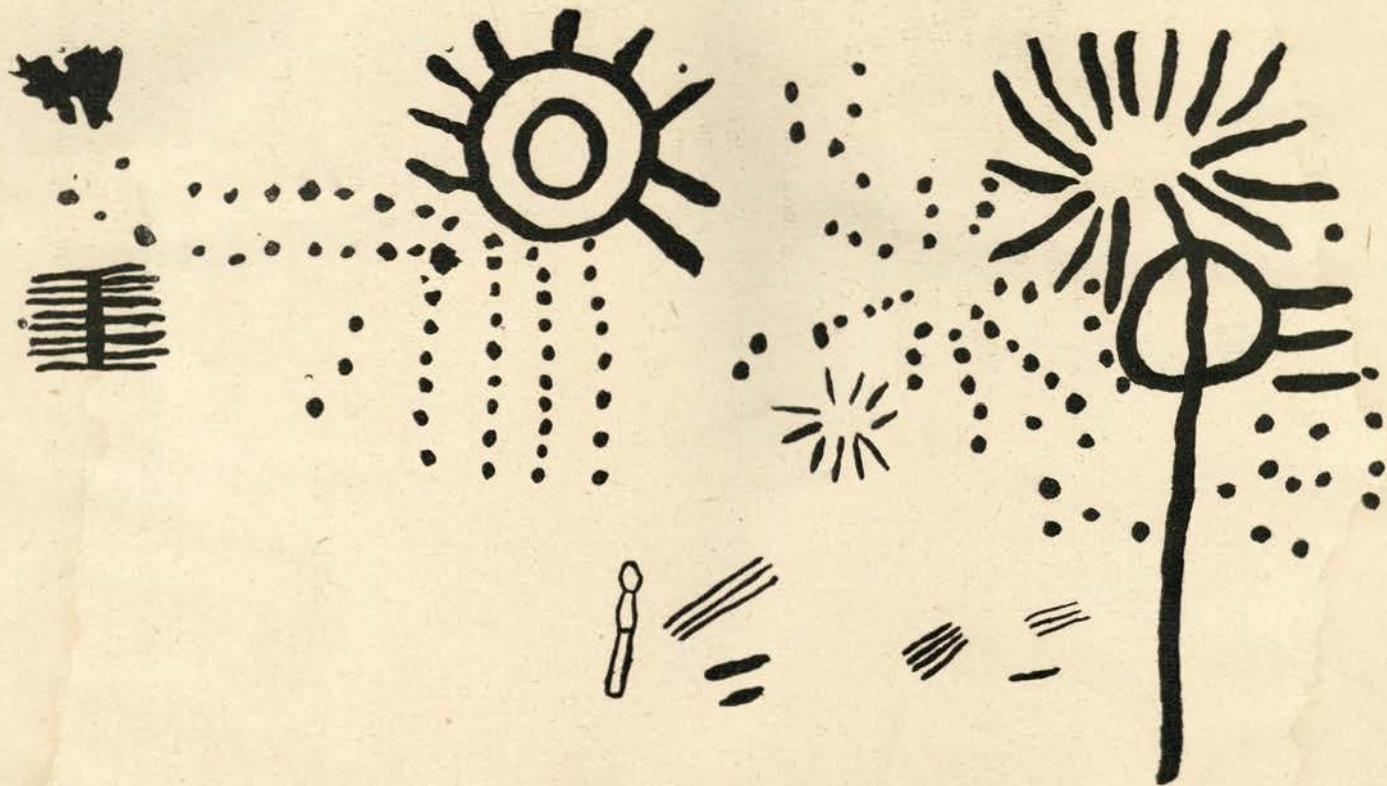
Procurei investigar que lendas, entre o povo, haveria acêrca dêste exemplar de arte rupestre. O que me contaram foi tão disparatado, que, na verdade, não merece a mais ligeira referênciã. Direi apênas que o atribuem á dominação mourisca, á qual geralmente referem qualquer antiguidade histórica.

Coimbra, 16-1-1922.

HORACIO DE MESQUITA.

ADITAMENTO

Após uma das lições sobre *Arte Pre-historica* com que iniciei o meu curso de Historia de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, um dos alunos, o sr. Horacio de Mesquita, procurou-me para me comunicar que perto da sua terra natal, Carlão, do Concelho de Alijó, numa rocha conhecida pelo nome de *Pala Pinta*, tinha visto pinturas semelhantes àquelas de que eu falara, e de que havia mostrado algumas reproduções.



CONJUNTO DE PICTOGRÁFIAS DA «PALA PINTA». REDUÇÃO APROXIMADAMENTE A 1/4.

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL

Interessado pela raridade do caso logô lhe pedi para, nas férias do Natal, decalcar essas pinturas. Gostosa e conscienciosamente se apressou o sr. Horacio de Mesquita a realizar esse trabalho, escrevendo de passo, para acompanhar as reproduções delas, a memória acima inserta que faculta os dados descritivos e topograficos indispensaveis para a identificação de tão notavel documento de arte rupestre portuguesa.

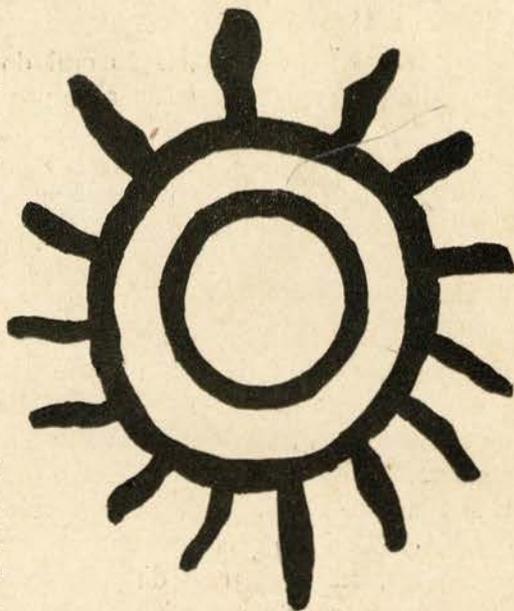
Cabe-me pois, somente, depois de agradecer-lhe a boa vontade com que se prestou a executar o decalque, e a amabilidade de permitir que eu o publicasse na *Terra Portuguesa*, colocar as pictografias na divisão arqueologica a que pertencem, dentro do quadro geral dos estudos de Arte Rupestre, que Breuil, Cabré, Pacheco, Obermaier, Moreno e tantos outros distintos prehistoriadores ajudaram a traçar e a preencher.

O que resta das arcaicas pictografias rupestres do abrigo da *Pala Pinta* — a propria toponimia está demonstrando a sua antiguidade — é, como se vê na gravura junta, muito pouco: um painel, largo metro e meio, e alto uns oitenta centímetros; e uma figuração radiada, afastada para a esquerda desse painel uns quatro metros.

Entre as figuras, todas pintadas a vermelho vivo, encontramos duplos circulos concentricos radiados, dois sinais esteliformes de desigual tamanho, pontuações, paralelas e radiantes, barrinhas paralelas, um signal arborescente e mais três figuras de designação indeterminada. O character estilizado e esquematico dessas figuras, mostra que se trata de pinturas neolíticas, semelhantes ás que têm sido descobertas por todo o pais vizinho, especialmente nas serras do sul, denunciando a ocupação da peninsula por uma população una em raça e cultura.

Vestigios de tal civilização e identicas ás pictografias da *Pala Pinta*, são as pinturas rupestres da Cueva del Cristo (Batuecas) (1) e Esperança (Arronches) (2); Prado del Azogue, Barranco de la Cueva, e Garganta de la Hoz (Aldeaquemada) (3); Cueva de Carriuelo (4), e Tajo de las Figuras (5), (Laguna de la Janda), etc.

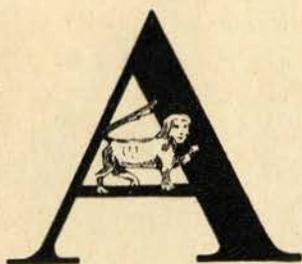
VERGILIO CORREIA.



UMA FIGURAÇÃO ISOLADA DA "PALA PINTA"

- (1) H. Breuil. *La Vallée peinte des Batuecas (Salamanca)*, na Rev. *L'Anthropologie*, T. 29.
- (2) *Ibidem*. *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)*, na Rev. *Terra Portuguesa*, n.ºs 13-14.
- (3) Juan Cabré. *Las pinturas rupestres de Aldeaquemada*, Madrid, 1917.
- (4) Hernandez-Pacheco. «Congreso de Valladolid». *Estado actual de las Investigaciones en España, respecto a Paleontología y Prehistoria*, Madrid, 1915.
- (5) Eugeniuz Frankowshi. *Horreos y Palafitos de la Peninsula Iberica*, Madrid, 1918, de pags. 115 a 134.

OS CÃES NA FORMAÇÃO DOS PROVERBIOS PORTUGUESES



fixação oral do conceito popular, tanto sob a forma de dictado como a de proverbio é, pelo que respeita aos cães, uma das mais copiosas mostras do vigoroso sentido etnológico português. Na curanderia de todos os tempos, na demonologia da Edade-Media, na simbologia arquitetónica de diferentes séculos, o cão ocupa um lugar tão especial que, imiscuido sempre vemos, em um conjunto de actos, funções e objectivos os mais extravagantes. E pôde tanto actuar esta sobrevivência animista na tradição portuguesa que interessante observar é que, sendo o cão dos animais domésticos aquele que ao homem mais se afeiçoa, é, também o que lhe evoca a parcela mais sombria de misterio e de sobrenatural. Encaramol-o em figuração, soerguendo como simbolo de constancia as urnas tumbaes; surprehendemol-o nas gorgulhas alcandorando rictus legendarios; vamos defrontal-o nos processos da Inquisição travestindo o espirito maligno. E na pintura da ultima metade do século XVIII, realçando a beleza e a galanteria femininas; e nas locuções, ocorrendo uma vez ou outra á deficiência do vocabulo proprio; e na heraldica vinculando ancestraes direitos, o cão mais que outro animal, colhe, ora das suas características, ora da sua configuração e, sempre de um passado farto de tradicionalismo, a voga que o perdura e o distingue e o repete. Momsen constatou na esculptura oriental exemplares de especies arredias que são para a nossa admiração o quer que seja de veemente, tanto ao longo dessa arte austera o cão há merecido desvelos das mãos que o moldaram, sollicitas e interessadas para a historia e para a sciencia.

Todavía, nada fecundo como esse conjunto de filosofia ingenua que propulsa para os eventos de cada dia, exarado nos dictados e nos proverbios lusitanos! O cão, animal de vigilia, ergue a orelha prescrutando, contrahe as narinas farejando, circunvaga a pupila reflectindo, sendo em qualquer oportunidade, consoante o caso o prescreva, — sagaz, matreiro, arrogante, cauteloso, facêto, porfiado. O fabulista, vae-se ao engenho poetico e movimenta-o para a moral e para o exemplo, entretanto, o povo, distribue-o em monosticos e em disticos e fixa sínteses... O adagio em que o cão faz de protagonista, repete-se, não como em logar comum, que a ser assim banalisaria o conceito, mas como um axioma só por essa forma expressavel...

Cão que ladra não morde,

sendo, do feixe proloquial, aquele pequeno distico que mais vezeiro se tornou é, também, o que melhor, em estrutura, condensa a feição imagetica que, empregando-os, revestiu com eles a linguagem popular. Na elocução proverbial, animada, jactitante, e repentista, o estilista detem-se a admirar a sintaxe que, dir-se-ha, é trabalhada em caprichos e lavranterias por um cultor de genero desvelando supremos primores. Se para a formação de um estilo que

OS CÃES NA FORMAÇÃO DOS PROVERBIOS PORTUGUESES

corresponda ao relevo pujante do seu genio tipico, o povo se há esforçado atravez duma existencia laboriosa, esse esforço culmina, maximo, ao analisarmos os proverbios, bastantes deles de natureza galaico-lusitana mas, alfim, todos revertendo para erguer alto o sentido etnico que nos assinala. Rubinatein inspirou-se, para compor, em proverbios nossos, a comedia castelhana reverbéra deles embuida, em sua maneira cantada dal-os-hemos, talvez, como um antecedentes da canção o fado. . .

Assegurar-se-ha que sendo o proverbio a transfiguração do dictame plebeu, não apenas o cão, mas outros animaes, tanto selvaticos como domesticos, nele se intrometem, a com seus requisitos e atributos performarem «esse espantosamente rico tesouro da sabedoria tradicional da nação» como refere a ilustre escritora D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. Todavia, é para o cão, animal propendendo por conformações instinctivas para uma mais adaptada e afectuosa convivencia, que eles, não só de preferencia se endereçam como, tambem, nessa preferencia, definem a sua elaboração etnologica :

A ferida do cão cura-se com o pêlo do proprio cão.
Baba de cão até com pão.
Pragas em vão não as rogueis ao meu cão.
De graça nem os cães querem pancada.
Cães de raça querem-se para a caça.
Quem tem medo compra um cão.
O cão e o menino vão aonde tem mimo.
Cão de três não o vendas nem o dés que ao fim do ano saberás o que tens.
A má hora não ladram cães.
Uma vez cae o cão, a outra já não.
O cão e o gato comem o que está arrecadado.
Quem não tem pão não tem cão.
Os cães grandes não se mordem.
Guarda-te de homem que não fale e de cão que não ladre.
Quem acorda o cão dormido vende a paz e compra arruido.
Quem com farélos se mistura maus cães o comem.
Qual é o cão tal é o dono.
Agua e pão comida de cão.
Ou para homem ou para cão leva a tua espada não mão.
Cão de palheiro nem come nem deixa comer.
A mulher e a cachorra a que mais cala é a mais boa.
Em janeiro nem galgo lebreiro nem açor perdigueiro.

Paralelamente ás formas ritmicas e aritmicas, se encontra a frase complementar ou intercalar. Vejamol-a, tanto ela interessa a orientação geral da racolta onde transparece o poder sintetico da linguagem do povo :

Como um cão á boa vida.
Nem os cães as tragam.
Como o cão e o gato.
Manteiga em focinho de cão.

OS CÃES NA FORMAÇÃO DOS PROVERBIOS PORTUGUESES

Como cão por vinha vendimada.

Raciocínio de cão.

Preso por ter cão e preso por não ter.

Cem cães a um osso.

Acordar o cão que dorme.

Atirar como a cão danado.

Cães ladrando á lua.

Dos jogos infantis, um estribilho cantabile, merece para o caso, ser registado, quando diz:

*Tão, balalão,
Cabeça de gato,
Focinho de cão!*

.....
.....

assim como, de procedencia erudita, convem não esquecer a apropriação proverbial popular da frase que menciona:

Tanto mais conheço os homens quanto mais adoro os cães.

Na delongada, mas tenacissima assimilação, que o vulgo efectua das obras que mais cordealmente vão ao vizez do sentimento, é para reparar como desceram ao uso, á guisa de proverbio ritmico quadras como esta:

*Foge, cão,
Que te fazem barão!
Mas, para áonde?
Se me fazem visconde?!*

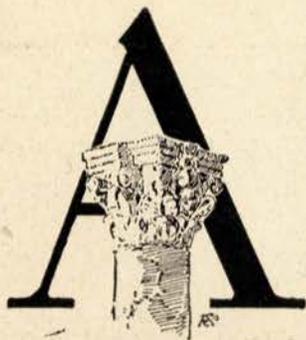
Concluindo este imperfeito estudo, seria lacuna não publicar uma tradução repentista de Bulhão Pato que, logo, então, conquistou fóros de proverbio. E' a de aquele magnifico verso da escola petrarchiana, que dir-se-ha insculpido em puro marmore por um cinzel de ouro scintilante:

Non ragionare de lui sua guarda e passa, que o Poeta, caçador notavel, e conhecedor, por consequente, de optimos cães de caça, um dia, ao saber de certo apôdo insciente, traduziu:

Os cães ladram, mas a caravana passa.

SEVERO PORTELA.

UM TRECHO DOS PAÇOS MANUELINOS DE COIMBRA

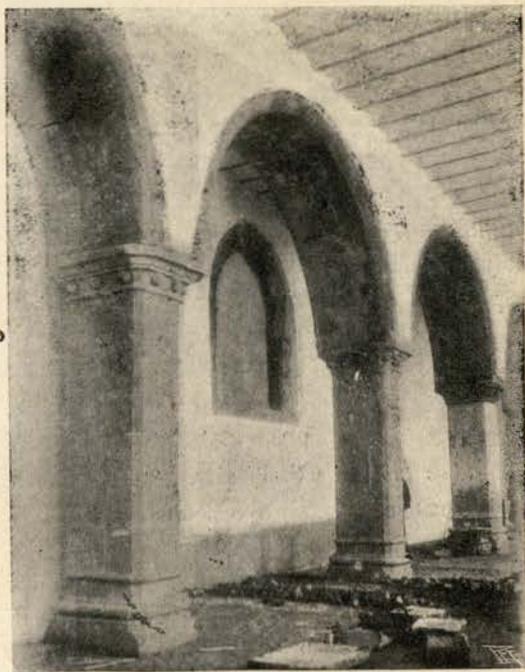


magnífica arcada, de que as fotografias juntas mostram aspectos, existe dentro do recinto da Universidade de Coimbra, e sendo um dos mais notáveis exemplares de arquitectura civil antiga que nos restam, não anda citado nem divulgado nos trabalhos de conjunto que estrangeiros benemeritos, como Crum Watson, Berteaux e Dieulafoy publicaram, sobre Arte Portuguesa, nos ultimos quinze anos. Fica situada nos baixos dos paços universitarios, por detraz da capela, no lado que olha para o rio, junto do maciço retangular da Biblioteca, e foi posta a descoberto e beneficiada recentemente por ocasião das obras de alargamento dos depositos do mesmo estabelecimento.

Compõe-se a arcaria de sete formosos arcos de volta redonda, largos e bem lançados, assentes em esteios formidaveis, cujos capiteis rudimentares são adornados de bolas, e cujas bases, de recorte singelo e angulos chanfrados, terminam em ornato igual. Para realizar a transformação do espaço contiguo a essa arcada numa sala ampla e arejada, capaz de comportar alguns milhares de especies bibliograficas, teve o architecto encarregado das obras, de a contrafortar com dois arcos perpendiculares, copiados dos antigos, que vieram encostar-se aos segundos pilares de cada extremo.

Consultado acêrca da idade desta construção o mestre Antonio Augusto Gonçalves, pessoa para quem a evolução da arquitectura e escultura coimbrás, não tem segredos nem surpresas, ele informou-me de que os arcos, apesar da sua apparencia arcaica, se lhe afiguravam claramente uma obra do periodo manuelino.

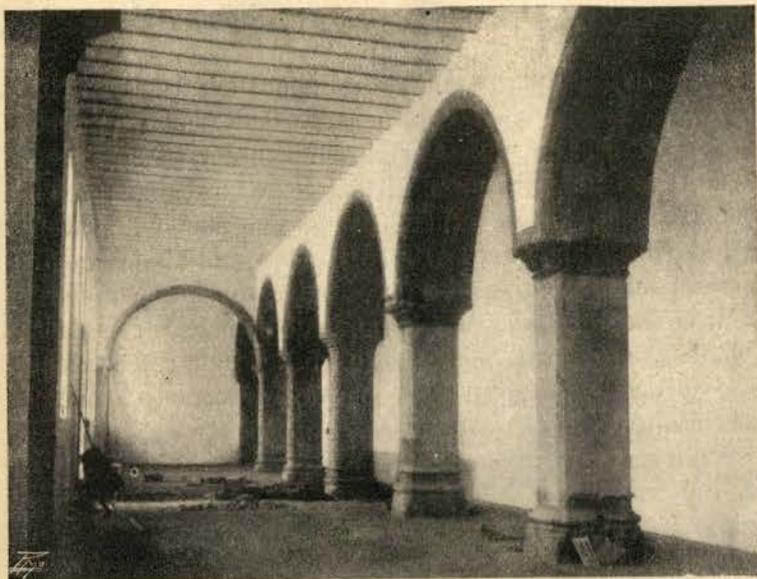
Por minha parte poderei acrescentar a esta autorizada opinião do professor Gonçalves, que a traça da arcaria se deve a Marcos Pires, mestre das obras dos paços reaes até 1521, e que foi architecto da capela da Universidade e do Claustro do Silencio. No auto de medição das obras dos paços, que se fez por sua morte, a fim de liquidar as importancias concedidas por D. Manuel para as



UM ASPECTO DOS ARCOS AVISTANDO-SE POR TRAZ O JANELÃO GÓTICO
DOS ANTIGOS PAÇOS REAES

UM TRECHO DOS PAÇOS MANUELINOS DE COIMBRA

referidas obras, citam-se «sete arcos que estão lavrados pelo tereiro por asentar». Pode muito bem ser que se trate destes. O exame minucioso do importante documento descoberto por Sousa Viterbo nas colecções do *Corpo Cronologico*



OUTRO ASPECTO DAS ARCADAS

manuelino. Os arcos agora divulgados veem alongar a lista das obras atribuíveis a este artista português, cujos trabalhos, note-se bem, foram realizados anteriormente á influencia espanhola dos Castilhos.

na Torre do Tombo, e por ele transcrito de pag. 319 a 323 do 2.º volume do seu *Diccionario dos Architectos*, poderá conduzir a essa conclusão. O sr. dr. Antonio de Vasconcelos cujo estudo exaustivo sobre a *Real Capela* o familiarizou com os assuntos da arqueologia universitaria, com facilidade ultimar á resolução deste caso.

O architecto da Real Capela, da Igreja da Ega e do Claustro de Santa Cruz, apesar de viver num periodo de plena delicadeza do gotico chamejante, foi rude na concepção e na realização. Essa rudeza mesma fez dele um dos mestres do

V. C.



Las tablas de S. Vicente, por F. J. Sanchez Canton, na rev. *Raza Española*, n.º 31, p. 37 (Madrid, 1921):— O trabalho notabilissimo que, sob este titulo, publicou na revista citada o distinto critico de arte, professor da Universidade de Madrid, Sanchez Canton, vem trazer alguns novos e interessantes elementos para o estudo da obra do pintor Nuno Gonçalves. Para o illustre professor, os paineis poderã ser o que resta de um retabulo em que os quadros maiores estariam colocados de um lado e outro da urna das reliquias de São Vicente, constituindo os quatro paineis menores primitivamente apenas dois, que seriam as portas dos outros. Em apoio da sua hipotese, apresenta os paineis menores na seguinte ordem: painel *dos frades*; painel *dos pescadores*; painel *da reliquia*; painel *dos cavaleiros*. De facto, as figuras do fundo, tanto nos dois primeiros, como nos dois ultimos, são do mesmo tipo e parecem dispostas na mesma linha: figuras sombrias cobertas de barretes num grupo; figuras de conegos revestidos de roquetes no outro.

A *Terra Portuguesa* vae pedir ao professor Sanchez Canton, autorização para publicar a tradução do seu estudo.

A PORCELANA EM PORTUGAL

PRIMEIRAS TENTATIVAS

(Continuado do numero anterior)

Não foi, ainda assim, o poder central de todo indiferente aos trabalhos de João Manso Pereira, como se vê dos seguintes documentos, um dos quaes, — a consulta da Junta do Commercio, — é agora publicado pela primeira vez:

«Dona Maria, por graça de Deus rainha de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, senhora de Guiné, etc. Faço saber a vós, João Manso Pereira, que, tomando em consideração as vossas novas especulações, manifestadas nas amostras de vinho, de assucar, de aguardente distillada da raiz do sapé, dos alcalis extrahidos da bananeira e do mangue, e dos camafeus fabricados de terras do país, á maneira das obras de Saxonia e Sèvres, que me foram presentes, na minha Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, destes reinos e seus dominios, e querendo que o vosso genio e mui louvaveis applicações prosperem, em honra e utilidade vossa e em proveito das artes e do commercio dos dominios portuguezes, — sou servida expedir ordem (que será com esta), para se fornecer a despeza que fór necessaria para se prepararem, destes generos, quantidades sufficientes, com que se possam fazer experiencias do seu prestimo, nos usos a que devem servir. Para este fim, fareis preparar e remetter, com toda a economia possivel, doze arrobas, pouco mais ou menos, de cada um dos alcalis; quatro ou cinco almudes de cada um dos dois licores, acondicionados com modo que se não alterem; amostras dos diversos barros que servem para loiças ordinarias e de cozinha e para a porcelana fina, tudo separado, e em porções capazes de se fazerem as precisas experiencias, informando muito circumspectamente se ha o *kaolino* ou o *pe-tun-tse* naturaes do país, ou outras argillas ou barros, simples ou compostos, semelhantes aos conhecidos na Europa e no Japão, em abundancia, capazes de se estabelecer fabrica que dê loiça para serviço de mesas. De cada qual dos productos que remetterdes (assim dos indicados, como de qualquer outro e de qualquer parte do Brasil, que reconhecerdes util), mandareis conta exacta da despeza que houver feito, desde o seu primeiro custo até se pôr a bordo, a fim de se poder calcular a concorrência que póde ter nos mercados da Europa. E, se, para adeantar e aperfeiçoar os vossos trabalhos, vos faltarem retortas e vasos de vidro e barro, ou quaesquer instrumentos de metal, o representareis, dirigindo-vos em tudo á minha Real Junta do Commercio. Ao vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brasil recommendo que vos proteja e anxilie nas vossas empresas, para que não encontreis obstaculos, e vos possaes fazer benemerito da minha real contemplação. A rainha, nossa senhora, o mandou pelos ministros abaixo assignados, deputados do sobredito tribunal. — Francisco de Sousa Pinto e Massuellos a fez, em Lisboa, a cinco de setembro de mil setecentos noventa e tres. — Theotonio Gomes de Carvalho a fez escrever. — *Theotonio Gomes de Carvalho*. — *Francisco Soares de Araujo e Silva* (1).

(1) Publicada no vol. II do *Palladio Portuguez* (pag. 1-3), onde, como vimos, tambem saiu, em primeira edição, a memoria de J. Manso Pereira, esta provisão foi com ella reimpressa pelo sr. J. de Vasconcellos, na sua *Exposição de ceramica*, pag. 5-7.

A PORCELANA EM PORTUGAL

Senhora: — A Real Junta do Commercio, sabendo que o Brasil póde produzir a V. M. quantos generos necessarios andam no commercio geral, e muitos outros ainda desconhecidos, que se podem aproveitar, com summa vantagem do mesmo commercio e das artes, logo que haja pessoas habeis que os saibam conhecer e inculcar, e sabendo tambem que João Manso Pereira, professor de rhetorica no Rio de Janeiro, se tem feito conhecer pelo seu talento, singular applicação e desvelo, sobre especulações chemicas, de que tem dado boas provas, — mandou-lhe assistir com o necessario para fazer algumas indagações a este respeito, dando-lhe para isso as competentes insinuações, que elle desempenhou egregiamente, apesar de lhe faltarem os competentes livros, instrumentos, vasos, machinas e os innumeraes utensis, que demanda o trabalho chimico.

Remetteu logo dez arrobas e meia de alcali ou potassa, extrahida dos engaços das bananas, para servir nas fabricas de vidro e sabão, o que, sendo um dos generos de maior consumo nas mesmas fabricas, e podendo extrahir-se de um vegetal de que mais abunda todo o Brasil, e que nenhum valor nem prestimo se lhe conhecia, sendo talvez possivel, pela sua abundancia e barateza, preparar delle o nitro para polvora, agua-forte, etc. (1).

Tambem remetteu varias amostras de sabões feitos por elle, de sebo e azeite de peixe, ao modo do de Hispanha e de Inglaterra, os que se mandaram experimentar á fabrica real das sedas; da mesma fórma que á fabrica de vidros se mandam as potassas, tanto da bananeira como do mangue, que agora chegou.

Tendo já mandado alguma argilla e petunse para loiça e porcelana, agora remette outros barros em rama, proprios para ellas, enviando tambem algumas peças já fabricadas, em camafeus, cadinhos e outros vasos, de diferentes kaolinos e argillas, transparentes e opacas, envernizadas com verniz tirado da bananeira, de cujos processos dá as suas theorias.

O que parece, comtudo, ser da maior importancia, é a amostra, que remette, da terra ou argilla a que os naturalistas chamam *fulon*, porque serve aos lavradores de lans. Os ingleses são tão ciosos e avaros da que lhes produz Inglaterra e Escocia, que prohibem a sua extracção com a mesma dureza que a das lans, pois só crêem que a ella se deve a superioridade dos seus pannos, porque purifica as lans dos oleos com que se preparam, conservando-lhes o macio e pellucido, como esta argilla, que os franceses não tinham ainda achado no seu país, apesar de reconhecerem a sua preciosidade, como se vê da memoria, premiada, de Mr. Bourgeois, que se acha na collecção da Sociedade Economica de Berne (2).

Já havia remettido vinho extrahido da canna; aguardente da raiz da gramma *sapé*; e, agora, manda alguns frascos de aguardente de canna, feita por meio de cal viva, e outra por meio do alcali da bananeira, como se faz na Jamaica, a que os ingleses chamam *rum*: — o que elle aprendeu com dois chemicos que iam de Inglaterra para a Asia.

Ao Museu real se remetteu (*sic*) amostras de todos estes productos, para serem presentes a V. M.

A fim do tribunal poder continuar estas e semelhantes especulações, em que espera fazer grande serviço a V. M., engrossando a massa do commercio nacional com producções novas, tanto para as artes e fabricas já estabelecidas no reino e que se podem estabelecer de novo, como para os estrangeiros, — supplica a V. M. a graça de auctorizá-lo para obrar o que julgar conveniente a este respeito, expedindo ordem ao vice-rei (que, por insinuação do tribunal, tem já auxiliado essas empresas), para que desobrigue o professor do serviço da cadeira emquanto durar a commissão, pondo-se substituto, na fórma que dispõe o respectivo regulamento.

O tribunal terá a honra de ir pondo na presença de V. M. os resultados successivos das suas diligencias.

Real Junta do Commercio, em 21 de abril de 1795 (3).

(1) Está evidentemente incompleto este periodo. Lapso, talvez, do amanuense que registou a consulta.

(2) Tambem este periodo parece incompleto.

(3) Torre do Tombo, archivo da extincta Junta do Commercio, liv. xxvi de registo (1794-96), fl. 132 v.

A PORCELANA EM PORTUGAL

Documentam as experiencias de João Manso Pereira, nos dominios da ceramica, as seguintes medalhas ou pseudo-camafeus:

I — Medalha oval, com 6 cent. no diametro maior e 51 mill. no menor. O busto, que representa D. João VI, de perfil, para a direita, é branco; o fundo, cinzento. Na parte inferior do reverso, lê-se, em caracteres italicos, gravados na massa: — *Na Ilha Grande*.

De uma fazenda denominada *da Pedra*, que pertencia aos carmelitas do Rio de Janeiro e ficava na enseada da Ilha Grande, recebeu João Manso Pereira, segundo declara na sua memoria, uma porção de argilla *ho-ache*. Parece, pois, fóra de duvida que essa valiosa peça (que pertence ao sr. D. Pedro Augusto Dias, a quem me confesso reconhecidissimo, por me haver gentilmente consentido photographá-la) é resultado dos ensaios do activo e intelligente naturalista brasileiro.

(Est. IV n.º 3).

II — Medalha oval, com o busto da princesa D. Carlota Joaquina, de perfil, para a direita. O busto é branco e apresenta bastante relevo; o fundo, cinzento. No reverso, igual ao fundo, tem, gravada, esta marca:

MANSO
R. JAN.

Dimensões da medalha, 20 × 27 mill. Da marca, 9 × 5 mill.

(Est. IV n.º 4).

III — Medalha oval, com o busto do principe D. João, de perfil, para a esquerda. Como na precedente, — com a qual tem evidente afinidade, — o busto é branco e bastante levantado. Fundo azul-claro; reverso cinzento. Não tem marca.

Dimensões, 18 × 25 mill.

(Est. IV n.º 5).

De cada uma destas duas medalhas, conheço unicamente um exemplar. Pertencem ambos ao sr. conde do Almarjão, a quem tributo sinceros agradecimentos, pela amabilidade com que me permittiu estudá-los e photographá-los.

IV — Medalha oval, com o busto de D. Pedro III (ao que se me afigura), em relevo e de côr branca, sobre fundo acinzentado. Mede no diametro maior 22 mill., e 19 no menor. Na secção do braço, as iniciaes J. M. (João Manso).

Exemplar no museu da Academia das Sciencias, onde tambem se guarda outro espécime, de menores dimensões, — apenas *enchacotado*, segundo parece.

(Est. IV n.º 6.)

Para estas medalhas, e para algumas das que adeante descreverei em capitulo especial, por falta de elementos para as attribuir de preferencia a este ou áquelle dos tres centros em que, no ultimo quartel do XVIII seculo, se ensaiou o fabrico da porcelana em

A PORCELANA EM PORTUGAL

domínios portugueses (Lisboa, Coimbra e Rio de Janeiro) — que artistas abriram os cunhos? João de Figueiredo, também? Ignacio José de Freitas, que foi discípulo de Joaquim Carneiro da Silva, e apprendêra no Arsenal do Exército a gravura em relevo? (1) José Gaspart, que, em 1802, abriu na Casa da Moeda, com Simão Francisco dos Santos, Antonio José do Valle e Francisco Xavier de Figueiredo, segundo desenho do insigne Sequeira, o punção do retrato do príncipe regente para as moedas? (2) Paulo Aureliano Mangin, que, em 1777, gravou o cunho para as moedas de D. Maria I e D. Pedro III? (3)

E' possível que a alguns dos gravadores mencionados se deva uma ou outra dessas medalhas.

IV

Domingos Vandelli, doutor em philosophia pela Universidade de Padua e lente nessa faculdade, por convite do marquês de Pombal, na de Coimbra, fundou entre nós duas fabricas de loiça: — uma nesta ultima cidade, no rocio de Santa Clara, em 1784; outra posteriormente (4), no Cavaquinho (Villa Nova de Gaya). A ambas se refere José Accurcio das Neves, nas suas *Noções*, informando que, na primeira, se produzia «a melhor faiança que temos tido» (5), e também cadinhos e outros vasos destinados a laboratorios chimicos: e, na segunda, loiça de pó de pedra, faiança, loiça preta, e de «*differentes qualidades*». (Pag. 242 e 243).

Num trabalho inserto nas *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias*, (6) affirma Vandelli que obteve igualmente «*amostras de porcelana, bem transparentes*», misturando com argilla branca, de que, noutra memoria (7), aponta diversos jazigos, o feldspatho da Serra da Estrella. E um seu discípulo — Manuel Dias Baptista, — em estudo publicado na mesma collecção (8), diz:

«No laboratorio Chimico desta Universidade (de Coimbra) se tem feito varias experiencias, por direcção do meu Sapiientissimo Mestre, sobre a arte de fabricar a loiça, das quaes experiencias se tem deduzido tanta vantajem sobre a louça branca, a de pó de pedra, a

(1) Raczynski, *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, pag. 104.

(2) Volkmar Machado, *Memorias*, pag. 281.

(3) Cardeal Saraiva, *Lista de alguns artistas portuguezes*, pag. 57.

(4) Talvez em 1789. Por decreto de 10 de Junho dêsse anno, transcripto a fl. 92 do liv. xxiii de registo (1788-90) da Junta do Commercio, foram approvadas as condições de uma escriptura de concordata social, que, sobre a fabrica do Cavaquinho, haviam celebrado, em 11 de abril do mesmo anno, João Bernardes Guedes, o dr. José de Araujo, José Pereira de Miranda, Caetano José dos Santos, João Roberto da Fonseca Torres e o dr. Domingos Vandelli.

(5) Esta apreciação, que mereceu já fundados reparos ao meu amigo o sr. Antonio Augusto Gonçalves, é de todo o ponto injusta. As faianças de Massarellos e Miragaya (Porto), as do Rato, as de Brioso (Coimbra), as de Vianna do Castello, e porventura outras ainda, não são decerto inferiores ás de Vandelli.

(6) Tom. 1 (Lisboa, 1789), pag. 176-186.

(7) Idem, pag. 223-236.

(8) Idem, pag. 254-298

A PORCELANA EM PORTUGAL

porcellana, e os cadilhos, que seria para desejar, que as outras fabricas procurassem para o seu augmento o imitar as ditas experiencias.»

Nenhuma peça conheço que possa com plausibilidade attribuir-se aos ensaios de Vandelli. Das suas palavras e das de Manuel Dias Baptista, parece, porém, inferir-se que se não limitou á producção de peças infusíveis para trabalhos chimicos a actividade do illustre naturalista neste ramo da ceramica.

V

Ennumerarei agora algumas outras medalhas que examinei, e que, sendo, como tudo leva a crer, resultado das tentativas de que nos occupámos, tanto podem attribuir-se a Bartholomeu da Costa, como a João Manso Pereira, como a Vandelli, porque só a analyse chimica lograria, porventura, esclarecer decisivamente o problema, e dêsse meio não pude socorrer-me, por não haver tido á minha disposição, como seria mister, fragmentos das duvidosas e das seguramente classificadas.

I — Medalha oval, com o busto de D. Maria I, de perfil, para a direita.

Exemplar na Academia das Sciencias, apenas com a primeira cocção.

Dimensões, 28 × 35 mill.

Conserva-se tambem no museu da Academia uma reproducção, em gesso, de molde igual, no desenho, ao que serviu para esta medalha, mas um pouco maior (30 × 38 mill).

(Est. V, n.º 1.)

II — Medalha oval, com o fundo azulado, e tendo, numa das faces, o busto de D. Maria I, coroado de loiros, e, na outra, o de D. Pedro III, em traje de côrte, ambos em relevo, brancos, para a direita.

Dimensões, 20 × 25 mill.

O unico exemplar que tenho encontrado desta medalha, pertenceu ao erudito e saudoso official da bibliotheca da Ajuda, Rodrigo Vicente de Almeida, e pertence actualmente ao sr. Martinho da Fonseca, apaixonado bibliophilo e estudioso bibliographo, a cuja benevolencia devo o ter podido examiná-lo, e reproduzi-lo pela photographia.

(Est. V, n.º 2.)

III — Medalha oval, com o busto do principe D. João, de frente, em relevo e de pasta branca, sobre fundo côr de pinhão. Reverso branco.

Dimensões, 33 × 27 mill.

IV — Medalha identica á precedente, com o busto da princesa D. Carlota Joaquina. De cada uma dessas medalhas, guarda-se um exemplar no gabinete de numismatica e antiguidades do paço da Ajuda.

(Est. V, n.ºs 3 e 4.)

V — Medalha oval, com o busto de Pio VI, de perfil, para a direita.

A PORCELANA EM PORTUGAL

Peças de ensaio, correspondentes a dois cunhos, iguaes quanto ao desenho, na Academia das Sciencias. Dez exemplares de porcelana (biscoito), um de pasta cõr de ardósia e um de gesso.

Dimensões, 16×20 e 21×25 mill.

(Est. IV, n.º 7.)

VI — Medalha circular, de assumpto religioso, com a palavra ROMA no exergo. Diametro, 26 mill.

Exemplar, — ainda em biscoito, — na Academia das Sciencias.

(Est. V, n.º 5.)

VII — Medalha circular, allegorica, assignada pelo gravador Augusto Dupré (1748-1833), e tendo, na parte superior, a legenda :

NON SINE DIIS ANIMOSUS INFANS

e no exergo :

17		1777.
19	OCT.	1781.

Diametro, 45 mill.

Esta peça foi decerto obtida por moldagem. A allegoriã representa o auxilio dispensado pela França á nascente republica dos Estados-Unidos, contra a Inglaterra. Carta do sr. H. de la Tour, conservador da Bibliotheca Nacional de Paris, veiu confirmar esta interpretação, que já me havia sido suggerida por Gabriel Pereira.

Exemplar, sómente *enchacotado*, na Academia das Sciencias.

(Est. V, n.º 6.)

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.

CRONICA

LIVROS

Um Nucleo de Tecidos II, por D. Sebastião Pessanha — Lisboa, 1919: — Continuação da descrição da, já hoje preciosa, coleção de tecidos, do autor, o livro assim intitulado inclui ainda um capítulo sobre *Tecidos Medievales Portugueses*, de absoluta novidade entre nós, onde o estudo dos velhos exemplares da tecelagem rica estava completamente por fazer. Estudando os mais antigos tecidos do Museu Machado de Castro, recolhidos nos tumulos de Santa Clara a Velha, e os fragmentos de telas aparecidos nos sarcofagos da capela de Santo Aleixo de Lisboa, D. Sebastião Pessanha conclue que, se parte desses tecidos mostram um carater acentuadamente hispano-mourisco, outros serão possivelmente de fabrico português.

Esta hipotese de D. Sebastião Pessanha nada tem de estranhavel, se atendermos ao grande desenvolvimento que os documentos nos dizem ter tido no seculo xv a tecelagem de seda, entre nós, e estamos certos que novos elementos confirmarão as suas ideias. Propriamente na parte *Catalogo*, o livro contém as descrições de mais 50 peças (sedas, gorgorões, brocateis, veludos, damascos, setins) da coleção do autor.

El Neolitico de Pavia, por Vergilio Correia — Madrid, 1921: — Ao director literario desta revista, o Dr. Vergilio Correia, foi dada a extraordinaria honra de ter sido o primeiro português convidado a colaborar nas memorias da *Comision de Investigaciones Paleontologicas y Prehistoricas*, secção da *Junta para Ampliacion de Estudios*, de Madrid.

A memoria que para esse efeito escreveu, intitula-se *El Neolitico de Pavia*, e ocupa-se dos documentos da idade da pedra polida, existentes ou encontrados na zona que se estende em volta da aldeia de Pavia, pertencente ao concelho de Móra, no districto de Evora.

Apreciando os documentos prehistoricos dessa zona sob a triplice divisão de *Lugares de Habitação*, *Lugares de Sepultura* e *Lugares de Religião*, o sr. Dr. Vergilio Correia, descreve as povoações, as sepulturas dolmenicas e os penedos sagrados que num raio de tres leguas em volta de Pavia, explorou e estudou. O agrupamento dolmenico descrito consta de 80 dolmens, que o autor escavou em tres sucessivas campanhas, sendo este conjunto de monumentos o mais importante até hoje revelado em toda a Peninsula. A divisão em que os monumentos dolmenicos são enumerados é seguida de capitulos especiaes em que se estudam: a estrutura dos monumentos; as placas de schisto, originaes e notabilissimas manifestações de arte religiosa neolitica lusitana; e os idolos neoliticos portugueses.

A terceira parte do livro ocupa-se dos santuarios, pedras consagradas e documentos de arte rupestre da mesma região, seguindo-se um apendice em que o distinto antropologo Dr. Mendes Correia emite o seu parecer acêrca de determinados ossos aparecidos dentro de um dolmen e que foram submetidos à sua apreciação pelo autor.

O livro, magnificamente editado é seguido de 28 laminas de papel *couché* com a reprodução fotografica dos monumentos descritos, quasi toda devida ao autor, e de um mapa archeologico da região.

A tradução da memoria para espanhol deve-se ao sr. Blanco, marido da escritora D. Alice Pestana (Caiel), e a direção da edição esteve confiada ao ilustre chefe de trabalhos da *Comision*, o sr. Dr. Eduardo Hernandez-Pacheco.

Etnologia Ibérica—Considerações sobre as origens do povo português, por A. A. Mendes Corrêa — Coimbra, 1921: — A conferencia que sob este titulo realizou na Universidade de Madrid em 20 de Maio de 1920, o Dr. Mendes Correia, é mais um titulo de honra a juntar à biografia e à bibliografia do ilustre professor. Mendes Correia, é indubitavelmente, hoje, em Portugal, o antropologo—preistoriador melhor documentado e cujos trabalhos mais perfeita contextura scientifica apresentam. As suas memorias e comunicações são as que melhor nos revelam, ordenado e sistematizado, o pensamento scientifico do momento, tanto o português, como o europeu.

Elucidario do Viajante no Bussaco, por Augusto Mendes Simões de Castro — Coimbra, 1921: — O nosso ilustre amigo Dr. Simões de Castro, decano dos archeologos conimbricenses e lusitanos, publi-

LIVROS

cou, enquanto uma 5.^a edição do seu *Guia Historico do Viajante do Bussaco* não aparece, um interessante e metódico *Elucidario*, onde, apontadas com brevidade, se mencionam as curiosidades historicas e naturaes da gloriosa montanha.

Boletim da Biblioteca Publica e do Arquivo Distrital de Braga, Vol. II, n.º 1.—Braga, 1921: — Inere entre outros, os artigos *O Termo de Braga*, por Alberto Feio e *O memorial de Diogo Soares*, por José Machado. Este ultimo trabalho, copia de uma memoria de 1634, em que Diogo Soares, escrivão da Fazenda Real, informa para Espanha sobre o carater e predicados das figuras mais representativas de Portugal, é uma peça de capital interesse historico.

A obra de Tomás Pires:—O sr. Antonio José Torres de Carvalho, ilustrado bibliografo e diretor do Museu e Biblioteca de Elvas, continua na sua benemerita tarefa de reimprimir a obra do saudoso etnografo alemtejo Tomás Pires. Já no decorrer do presente ano recebemos os *Contos*, as *Lendas e Romances* e as *Adivinhas Portuguezas*, livros todos elaborados com material recolhido na tradição oral da provincia do Alentejo, e que com os milhares de cantigas recolhidas nos seus Cancioneiros, nos dão a mais completa ideia do folclóre transtagano, tão proficiente e amorosamente estudado pelo malogrado etnografo.

Los Celtas y la Civilización Celtica en la Peninsula Ibérica, por Pedro Bosch Gimpera — Madrid, 1921: — E' mais um dos notaveis trabalhos com que o illustre professor da Universidade de Barcelona, que no ano findo visitou demoradamente Portugal, enriquece a bibliografia iberica. Ocupa-se largamente dos assuntos portuguezes que se ligam com a sua tése, e conclue, a nosso respeito: «Asi resulta claro que en Portugal y Galicia hay una cultura céltica representada por los castros y por la necrópolis de Alcacer do Sal, que ofrece dos grupos caracteristicos: desde la divisória entre el Duero y el Mondego hacia el N., y de la expresada divisória hacia el S., por lo menos hasta Alcacer do Sal. En esta cultura céltica se introduce en el grupo meridional una influencia iberica de Andalucia, influencia que también se halla en el Algarve, que parece tener una cultura distinta de la de los castros célticos».

Coleccionismo — Madrid, Janeiro de 1922: — Recebemos o n.º 109 desta interessante revista madrilena. Inere, entre outros, dois notaveis artigos: um do professor Gomes Moreno, sobre um calix gotico — *El Cáliz de San Segundo*; outro do arqueologo D. Juan Cabré, intitulado — *Las colecciones de Prehistoria y Protohistoria del Museo Cantábrico de Camillas*. Neste ultimo reproduzem-se as melhores peças do museu e repete-se, aperfeiçoado, o desenho da lapide de Solana de Cabañas, publicado na *Terra Portuguesa* (n.ºs 15 e 16). Igualmente se reproduzem as partes superiores de dois *tirsos de menades* de Loncejares. E' curioso notar a semelhança destes objetos, bem como a do *omphalos* apolinio, com as pedras provenientes das sepulturas de S. Martinho de Cintra e Montabrão, publicadas em *El Neolítico de Pavia*, p. 95.

Nouvelles cavernes ornées paléolithiques dans la province de Malaga, por H. Breuil, *L'Anthropologie*, 1921: — E' mais uma interessante publicação com que o professor Henri Breuil alonga a lista dos trabalhos da serie do Instituto de Paleontologia. Alem deste trabalho recebemos do illustre professor *Les pétroglyphes d'Irlande* (Paris, 1921), interessante contribuição para o estudo de arte rupestre, que o abade Breuil teve ocasião de elaborar na visita que fez a Inglaterra a fim de receber na Universidade de Oxford o grau de doutor, honoris causa.

L'Abri Olha (Basses Pyrénées), por Emmanuel Passemard — Paris, 1921: — O sr. Passemard, de Biarritz, é um devotado e ilustrado amator de preistoria e paleontologia, a quem se devem importantes estudos sobre o paleolitico da região dos Baixos Pirineus.

Alem do trabalho mencionado, o sr. Passemard publicou nos ultimos tempos: *L'industrie des tourbes de Mouligna* (1921); *La Ballestière de Nicoteau* (1921); *Un felin sculpté en bois de Renne* (1920) e *Signes gravés de la Caverne d'Isturitz*, folhetos que recebemos e agradecemos.

Promenade Archéologique, Basses-Voges-Sierras Ibériques, Monuments similaires, por Charles Mathis — Niederbronn-les-Bains, 1921: — E' um folheto em que o autor nos apresenta os resultados de uma viagem feita à acropole iberica de Meca, a fim de verificar os petroglifos ali existentes. O autor conclue pela semelhança entre esses petroglifos (pégadas, cruces, retangulos, covinhas, canaes) e os da Alsacia.

Tresor de Avis, (Revista mensal de Etnografia mitologica e Folklore de Baleares), publicada por Andreu Ferrer: — Recebemos e agradecemos o primeiro numero desta revista referente a Janeiro de 1922.

LIVROS RECEBIDOS E PUBLICADOS

Brag Garcia de Mascarenhas, pelo Doutor Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos (Coimbra, 1922).

Domingos de Sequeira em Italia, pelo Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Coimbra, 1922).

A Universidade de Coimbra no seculo XVI—Guevara, pelo Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Coimbra, 1922).

Dois capitulos ineditos sobre Camilo Castelo Branco, pelo Doutor J. M. Teixeira de Carvalho (Coimbra, 1922).

Afonso de Albuquerque—Notas antropologicas, pelo Doutor A. A. da Costa Ferreira (Lisboa, 1922).

Faenza. Revista illustrada, dirigida pelo Professor Doutor Caetano Ballardini. N.º 1 e 2, referentes a 1922.

Um nucleo de tecidos I e II, por D. Sebastião Fessanha (Lisboa, 1918 e 1919).

A pintura a fresco em Portugal, nos seculos XV e XVI, por Vergilio Correia.

Pedidos à Livraria Ferin.

Estelas discoides de la peninsula iberica, por Eugeniusz Frankowski (Madrid, 1920).

El neolitico de Pavia (Alentejo-Portugal), por Vergilio Correia (Madrid, 1921).

Pedidos à COMISION DE INVESTIGACIONES PALEONTOLOGICAS Y PREHISTORICAS—Paseo de la Castellana, 70 — Madrid.

Um tumulo renascença—A sepultura de D. Luit da Silveira, em Góis, por Vergilio Correia, com um prefácio do Doutor Teixeira de Carvalho.

Pedidos à Imprensa da Universidade — Coimbra.

